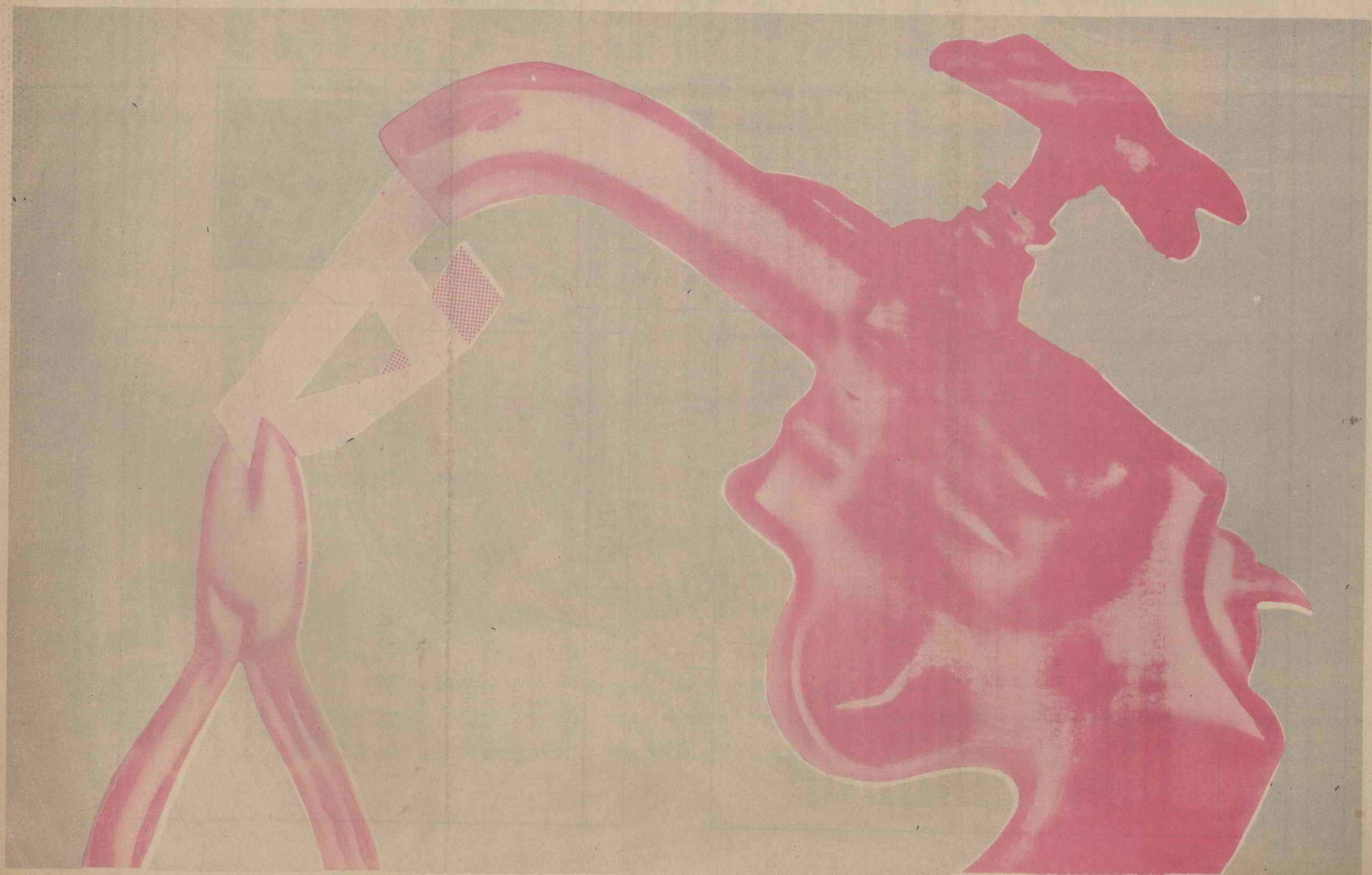
Ano II — Nº 20
Natal, Outubro/1989
Distribuição Gratuita

# O GALO

Jornal Cultural
Fundação José Augusto
Cia Editora do Rio Grande do Norte



## SUMÁRIO


Trabalho Visual de A. de Araújo ..... 03
Fragmentos de Maldoror ..... 04 e 05
Amour sur le journal ..... 06
A Bela Adormecida ..... 07
Paisagem Zero de Vicente do Rego Monteiro ..... 08
Uma Cidade Clara ..... 09
Ana Cristina Cesar, a falta presente ..... 10 e 11
O Grande Encontro ..... 12
Anotações de Leitura ..... 13
O anticrítico pós-tudo ..... 14 e 15
Nada será como antes, Ágora ..... 16 e 17
Rasuramore ..... 18 e 19
Antônio Callado, um ser humano e íntegro ..... 20
Preservação de Bens Culturais ..... 21
Entrevista/ Carlos Nejar: "Somos forjados pelo fogo" ..... 22 a 24
Poemas inéditos de Carlos Nejar ..... 25
Meninos, eu vi e ouvi no III Encontro de Escritores ..... 26
Carta do III Encontro Nacional de Escritores de Goiânia ..... 27
Livros e Autores ..... 28
Cartas dos Leitores ..... 29
O Galo Conta ..... 30 e 31


## EDITORIAL

Brincar de ser eterno. Brincam todos. Buscar o perene. Todos buscam.

Ela preferiu guardar as chaves. Alcançar as margens com as garras de quem se sabe destinada a partir a qualquer momento para a sólida mansão que só abriga os que desafiam a nostalgia e continuam em cena, com a mão imersa nos faróis.

Atalhar o vulgar com o sublime. Amalgamá-los. Deixá-los à mercê da sua poesia.

Versos de compaixão e paixão dão o tom. Versos que estarão sempre em cena, ferindo, vasculhando gavetas. Versos de quem, entre Eros e Tanatos, confirma para si a solidez dos cadeados.

Driblar o destino com tanta elegância, poucos driblam. Mas Ana C. era assim, fleumática e tropical. Alma que vibra e vê com óculos escuros de lucidez:

"Te acalma, minha loucura!
Veste galochas nos teus cílios tontos e habitados".

Quem tem medo de construir poemas no papel não deseja dar a conhecer sua ternura. Ela sabia disso e, às vezes, as letras doíam como uma catástrofe. Tonta de buquê queria falar da morte, mas a dama negra, impiedosa, não dava trégua.

Não há dor. Não é lamento. Nem há razão para sê-lo. Final de outubro nos faz lembrar que as lágrimas ainda continuam salgadas. Menos blush, menos sereias, menos cios neste outubro. Mês que vela a luva deixada no espaldar da cadeira. Sacrifício ou dádiva, para quem ousar calçá-la?

A fita continua rodando. TaKes rápidos. Próximo mês é novembro. Eleições. Homens bons e maus prometem arrancar o sofrimento do povo desse Brasil imenso. Que eles mintam menos e sejam menos vaidosos e indóceis.

Outros outubros (ou novembros) virão, "de repente, de propósito, de batom". Da sólida mansão Ana C. sorrirá. Cúmplice.

Marize Castro


## EXPEDIENTE

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**

*Governador*
Geraldo Melo

*Presidente da Fundação José Augusto*
Woden Madruga

*Diretor Presidente da Cia. Editora do RN*
Walter Medeiros

*JORNAL O GALO*

Editora
*Marize Castro*

Redator
*Anchieta Fernandes*

Diagramação e Programação Visual
*Gilberto Alves dos Santos*

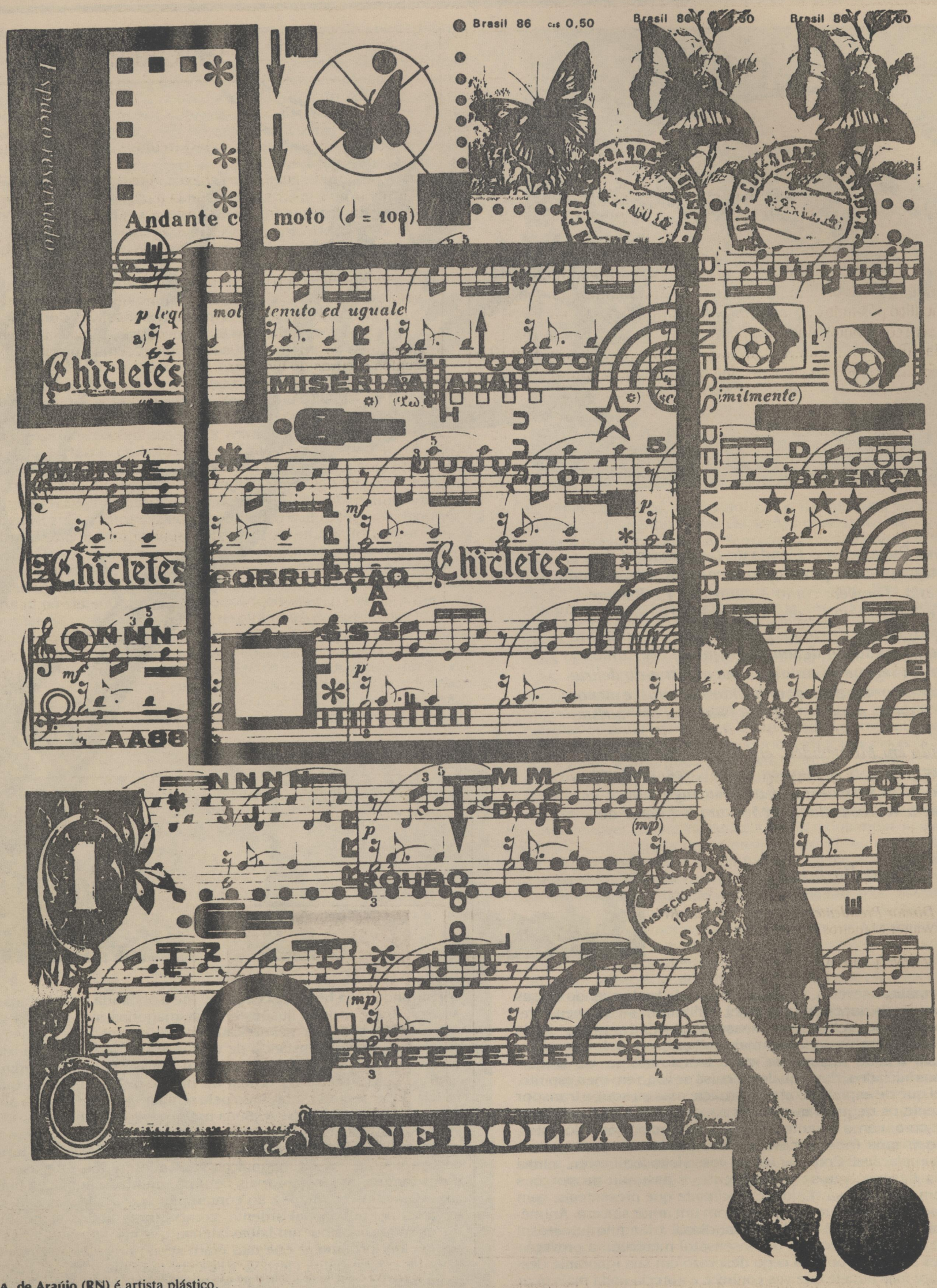
Revisão
*Brígida Mafra de Macêdo*
*Augusto Santana*

Arte Final e Montagem
*Socorro Soares*


*O Galo nº 20 é dedicado a poesia de Ana Cristina Cesar. Este cometa que algum dia por aqui passou e permanece em nós.*

Capa: **Afonso Martins (RN)** Artista plástico e grafiteiro natalense.

*Redação: Rua Jundiaí, 641 — Tirol — Natal — Rio Grande do Norte — CEP 59.020 — Tel.: (084) 221-2936.* **A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião deste jornal. A editoria de O Galo também se reserva o direito de publicar ou não colaborações não solicitadas, bem como não se responsabiliza por sua devolução.**




A. de Araújo (RN) é artista plástico.

Alípio Raposo Jr.

*Isidore Ducasse — o Conde de Lautréamont das letras francesas — está para a prosa como Rimbaud está para a poesia. Também como o autor de "Le Bateau Ivre", ele é "intraduzível", devido ao ritmo e à sonoridade tempestuosos de seu discurso. Mesmo assim, arrisco-me a apresentar a tradução de um fragmento d'Os Cantos de Maldoror (Segundo Canto): é uma amostra do delírio verbal desse autor tão pouco conhecido entre nós, e menos ainda por aqueles a quem Cocteau chamava de "turistas do espírito".*

*Nascido em Montevidéu, em 1846, e falecido aos 24 anos, em Paris, o "poeta sem rosto", redescoberto e venerado pelos surrealistas, é um náufrago num universo de tenebrosas iluminações, um habitante do Abismo.*

*Eládio Barbosa*

Ó matemáticas severas, eu não vos esqueci, desde quando vossas sábias lições, mais doces do que o mel, infiltraram-se em meu coração, como uma onda refrescante; eu aspirava instintivamente, desde o berço, a beber em vossa fonte, mais antiga que o sol, e continuo ainda a pisar o chão sagrado de vosso templo solene, eu, o mais fiel de vossos iniciados. Havia qualquer coisa de vago em meu espírito, um não sei quê de espesso como a fumaça; mas eu soube transpor religiosamente os degraus que levam ao vosso altar, e expulsastes esse véu escuro, como o vento expulsa a tormenta. Vós colocastes, em seu lugar, uma frieza excessiva, uma prudência consumada e uma lógica implacável. Com a ajuda do vosso leite fortificante, minha inteligência desenvolveu-se rapidamente, e assumiu proporções imensas, em meio a essa claridade fascinante que presenteais, com prodigalidade, àqueles que vos amam com um amor sincero. Aritmética! Álgebra! Geometria! trindade grandiosa! triângulo luminoso! aquele que não vos conhece é um insensato! mereceria a provação dos maiores suplícios; pois há cego desprezo em sua ignorante despreocupação; mas aquele que vos conhece e aprecia nada mais quer dos bens da terra, contenta-se com vossos gozos mágicos e, levado por vossas asas sombrias, não deseja senão alçar-se, num vôo ágil, construindo uma hélice ascendente, até a abóbada esférica dos céus. A terra só lhe mostra ilusões e fantasmagorias morais; mas vós, ó matemáticas concisas, pelo encadeamento rigoroso de vossas proposições tenazes e a constância de vossas leis de ferro, fazeis luzir, aos olhos ofuscados, um reflexo possante dessa verdade suprema da qual se nota a marca na ordem do universo. Mas a ordem que vos rodeia, representada sobretudo pela regularidade perfeita do quadrado, o amigo de Pitágoras, é ainda maior; pois o Todo-Poderoso revelou-se completamente, ele e seus atributos, nesse trabalho memorável que consistiu em fazer sair das entranhas do caos vossos tesouros de teoremas e vossos magníficos esplendores. Nas épocas antigas e nos tempos modernos, mais de uma grande imaginação humana viu seu gênio espantar-se ao contemplar vossas figuras simbólicas traçadas sobre o papel ardente, como outros tantos signos misteriosos, vivificados por um hálito latente, que não são compreendidos pelo vulgar profano, e que não eram senão a revelação gritante de axiomas e hieróglifos eternos, que existiram antes do universo e se manterão após ele. Ela se pergunta, debruçada sobre o precipício de um ponto de interrogação fatal, como podem as matemáticas conter grandezas tão imponentes e tanta verdade incontestável, en-

quanto que, se ela as compara ao homem, só encontra neste último falso orgulho e mentira. Então, esse espírito superior, entristecido, ao qual a nobre familiaridade de vossos conceitos faz sentir mais ainda a pequenez da humanidade e sua incomparável loucura, afunda a cabeça embranquecida sobre uma mão descarnada, e queda-se absorvido em meditações sobrenaturais. Inclina os joelhos diante de vós, e sua veneração presta homenagem à vossa face divina, como à própria imagem do Todo-Poderoso. Na minha infância, aparecestes, uma noite de maio, aos raios da lua, numa planície verdejante, às margens de um límpido regato, as três iguais em graça e pudor, as três cheias de majestade, como rainhas. Destes alguns passos em minha direção, com vossas longas vestes, flutuantes como um vapor, e me atraístes para vossos altivos peitos, como a um filho abençoado. Então, eu acorri prontamente, as mãos crispadas sobre vosso branco pescoço. Nutri-me, com reconhecimento, do vosso maná fecundo, e senti que a humanidade crescia em mim e se tornava melhor. Desde esse tempo, deusas rivais, não mais vos abandonei. Desde esse tempo, quantos projetos enérgicos, quantas simpatias que eu acreditava gravadas nas páginas do meu coração, como em mármore, não apagaram lentamente, da minha razão desiludida, suas linhas configurativas, como a aurora nascente apaga as sombras da noite! desde esse tempo, eu vi a morte, na intenção, visível a olho nu, de povoar os túmulos, devastar os campos de batalha adubados pelo sangue humano e fazer brotar flores matinais por sobre as fúnebres ossadas. Desde esse tempo, eu assisti às revoluções de nosso planeta; os tremores de terra, os vulcões, com sua lava ardente, o simun do deserto e os naufrágios da tempestade tiveram minha presença por espectador impassível. Desde esse tempo, eu vi inúmeras gerações humanas elevarem, pela manhã, suas asas e seus olhos para o espaço, com a alegria e a inexperiência da crisálida que saúda sua derradeira metamorfose, e morrerem, ao entardecer, antes do por do sol, a cabeça curvada, como flores murchas balançadas pelo assovio lamentoso do vento. Vós, no entanto, permaneceis sempre as mesmas. Nenhuma mudança, nenhum ar empestado roça os rochedos escarpados e os vales imensos de vossa identidade. Vossas pirâmides modestas durarão ainda mais que as pirâmides do Egito, formigueiros erigidos pela estupidez e pela escravidão. O fim dos séculos ainda verá, de pé sobre a ruina dos tempos, vossas cifras cabalísticas, vossas equações lacônicas e vossas linhas esculturais postadas à direita vingadora do Todo-Poderoso, enquanto as estrelas afundarão, em desespero, como trombas, na eternidade de uma noite horrível e universal, e a humanidade, contorcendo-se, tentará acertar suas contas com

Zaíra Caldas

Zaíra Caldas

o Julgamento Final. Obrigado, pelos inumeráveis serviços que me prestastes. Obrigado, pelas estranhas qualidades com que enriquecestes a minha inteligência. Sem vós, na minha luta contra o homem, eu teria sido talvez vencido. Sem vós, ele me faria rolar na areia e beijar a poeira dos seus pés. Sem vós, com uma garra pérfida, ele teria lacerado minha carne e meus ossos. Mas eu me mantive em guarda como um atleta experimentado. Vós me destes a frieza que surge de vossas concepções sublimes, isentas de paixão. Delas me servi para rejeitar com desdém os prazeres efêmeros de minha curta viagem e para devolver, de minha porta, as oferendas simpáticas, mas enganosas, de meus semelhantes. Vós me destes a prudência obstinada que se decifra a cada passo nos vossos admiráveis métodos de análise, de síntese e de dedução. Servi-me deles para derrotar os ardis perniciosos do meu inimigo mortal, para o atacar, por minha vez, com destreza, e mergulhar nas vísceras do homem, um punhal agudo que ficará para sempre cravado em seu corpo, uma ferida da qual ele não se restabelecerá. Vós me destes a lógica, que é como a própria alma dos vossos ensinamentos, cheia de sabedoria; com seus silogismos cujo labirinto complicado é mais e mais compreensível, minha inteligência sentiu redobrarem suas forças audaciosas. Com a ajuda desse auxiliar terrível, eu descobri, na humanidade nadando rumo às profundezas, face aos escolhos do ódio, a maldade negra e horrenda, estagnada em meio a miasmas deletérios, admirando o próprio umbigo. Primeiramente, descobri, nas trevas de suas entranhas, esse vício nefasto, o mal, nela superior ao bem. Com essa arma envenenada que vós me fornecestes, fiz descer de seu pedestal, construido pela covardia do homem, o próprio Criador! ele rangeu os dentes e suportou esta injúria ignominiosa, pois tinha por adversário alguém mais forte do que ele. Mas eu o deixarei de lado, como um pacote de farrapos, a fim de abaixar meu voo... O pensador Descartes fez, certa vez, a reflexão de que nada de sólido havia sido construído sobre vós. Era uma maneira engenhosa de fazer compreender que o primeiro recém-chegado não podia descobrir de imediato vosso valor inestimável. Com efeito, o que há de mais sólido que as três qualidades principais já nomeadas, elevando-se, entrelaçadas como uma única coroa, sobre o cimo augusto de vossa arquitetura colossal? Monumento que cresce sem cessar com as quotidianas descobertas em vossas minas de diamante, e as explorações científicas em vossos soberbos domínios. Ó matemáticas santas, pudesseis vós, por vosso perpétuo comércio, consolar o resto dos meus dias da maldade do homem e da injustiça do Grande-Tolo!

(Lautréamont, Les Chants de Maldoror, Paris, Nouvel Office D'Edition, 1963, p. 116-122)

**Eládio Barbosa (RN)** é poeta. Professor do Departamento de Educação da UFRN.

Amour sur le journal.
Sonhos revelam o que profetizaram os pescadores.
Navios e aviões se atracam no horizonte.
Et l' amour en face de ma vie.
Amor e corpos. Cabeças e guerra.
Almas banhadas por vinho tinto. Hóstias.
Superioridade nos olhos do infinito. Carro? ! La lumière.
Mãos que rasgam minha fantasia.
Amour sous le journal.
Deus do vulcão que engolistes todos os deuses, dá-me um pouco
do fogo da terra. Do fogo vermelho-azul, meu amigo.

Ana Paula de Oliveira

Godeiro Jr.

**Ana Paula de Oliveira (RN)** é poeta e atriz.

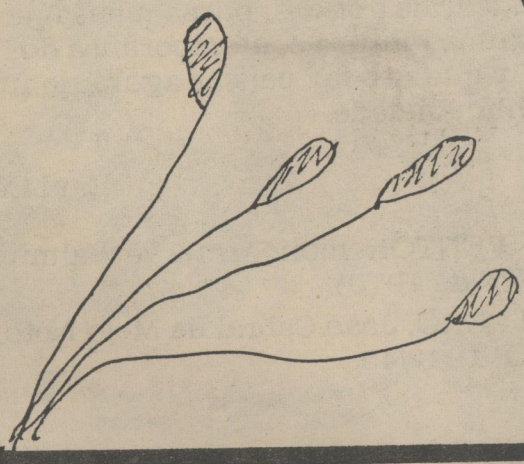
# A bela adormecida

Para Vera De Có

Garota, que dormes quando
lês meus poemas,
eu te perdôo, te desculpo,
entre outras, coisas,

Porque regressas à tua fábrica
onde cada dia se enovelam
os afazeres do plano quinquenal.

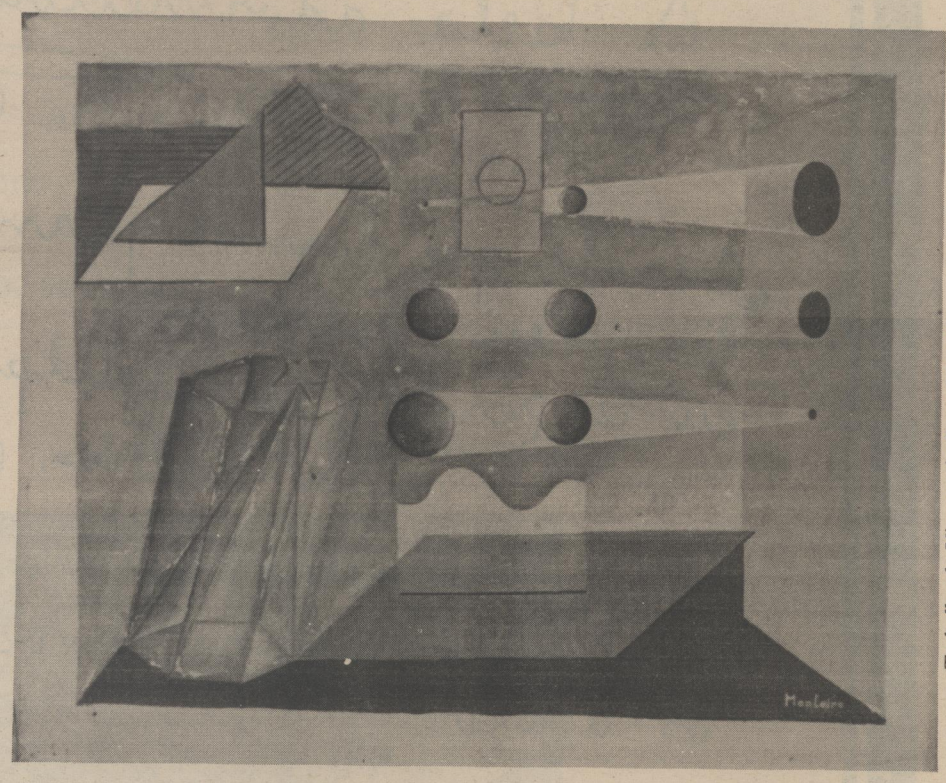
Agora, permita-me meus poemas,
os que eu descalço para plasmar
tua vigília
sem esta minha amargura
terrenal.



Contreras
em Brasil
1989

**Felix Contreras (Pinar del Rio, Cuba)** é poeta. Autor dos livros **El fulano tiempo, Debia venir algunen, Cuaderno para el que a nacer e Corazón semejante al tuyo.**

# PAISAGEM ZERO DE VICENTE DO REGO MONTEIRO



Trabalho de Vicente do Rego Monteiro

É flagrante a inteligência construtiva de Vicente do Rego Monteiro. Ele mesmo afirmou: "Como um arquiteto, vou por cálculos sucessivos até encontrar a linha final. Há a fabricação quadro, como uma casa. Construindo-se. Inspiração só no Tachismo e Impressionismo. Acho que o artista, depois do Cubismo, constrói seu trabalho. A cor dá a luz, a sombra; a linha é que define." *
Por isso seus quadros nasceram sempre de suas especulações pelo infinito, como este PAISAGEM ZERO, quase sideral — não existisse nele a ingênua identidade de um filho da terra — e, ao mesmo tempo, quase angelical, nos jogos de eclipses e no azul-e-rosa, ao gosto de meninos e de povo.
O ponto de vista deste quadro não se situa para quem olha, é necessário viver o quadro, imaginar-se na paisagem pois não se tem idéia do seu ponto de fuga. Ele está longe das perspectivas vãs dos acadêmicos. Vê-se como quem vê de um avião, fora da terra, subvertendo o espaço através dos buracos negros "nos três eclipses/condenando o muro;" ** dos anteparos de curvas e triângulos, e dos cometas.
PAISAGEM ZERO, esta pequena obra-prima, nos fala mais do tempo que do espaço — elemento da pintura — sendo ao mesmo tempo um verdadeiro tratado das relações existentes num retângulo construído de cor e forma. Fala-nos do tempo em seu sentido filosófico pois nos projeta uma expressão cósmica perdida entre as linhas de sua composição. E fala-nos também num sentido pendular, físico, em seu jogo de esferas dos eclipses.
Um tempo diário, parente da morte que João Cabral encontra em seu poema: "A luz de três sóis/ilumina as três luas/girando sobre a terra/varrida de defuntos./Varrida de defuntos/mas pesada de morte:/como a água parada,/a fruta madura./... Um sentido subjetivo e fatal como se este quadro fosse uma anti-natureza morta.

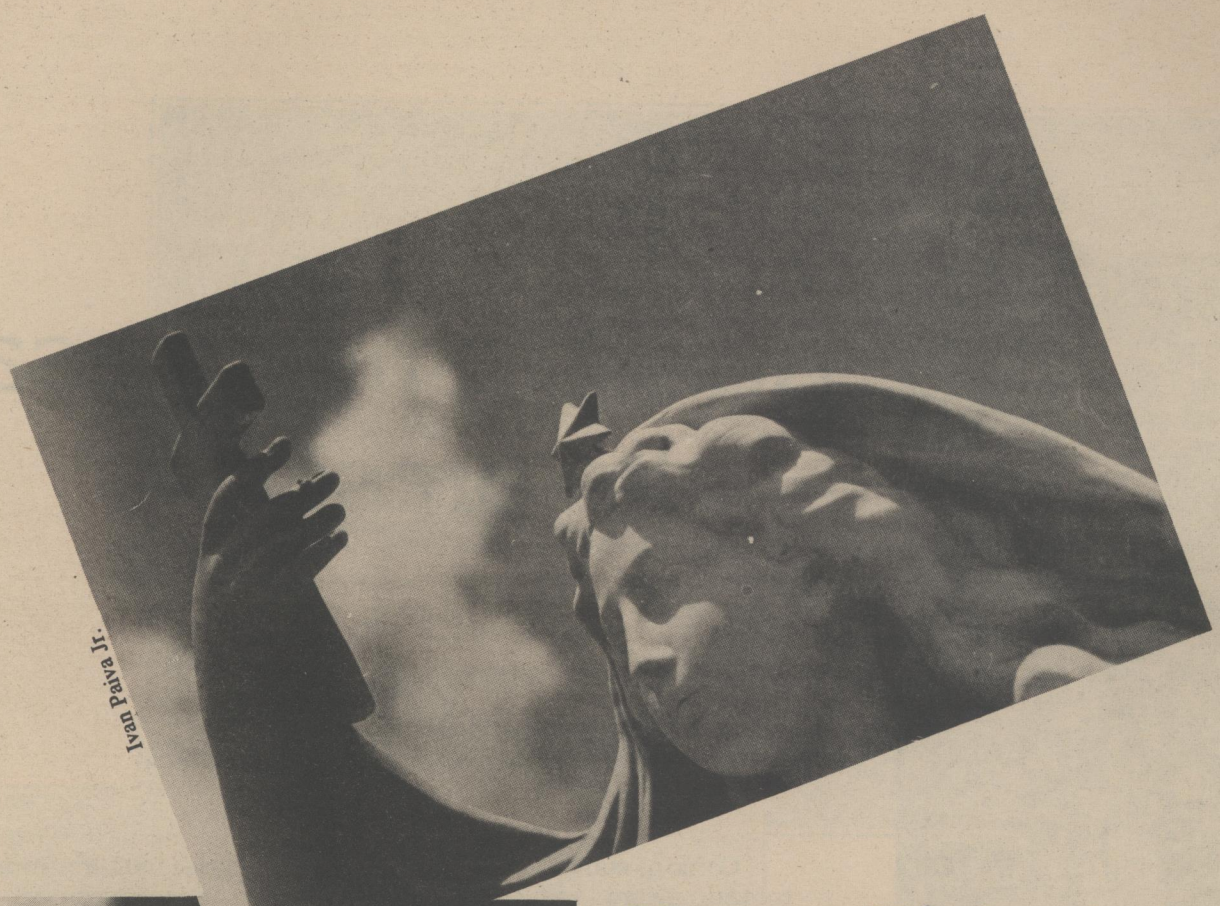
Encontro noutro poeta, o paraibano Vanildo Brito, em seu Soneto Lunar, uma outra referência de transitoriedade do indivíduo diante da eternidade cósmica: "... então, âncoras gemem. Nasce o porto/liberto de jangadas e navios/mas coroado de uma luz tão forte/que os duros ângulos dos rochedos frios/cantam à vida, embora a grave morte/continue habitando essa paisagem./...
O tempo, o futuro e a morte: uma pintura filosófica como os ornatos das catedrais góticas, puras mensagens herméticas. Mas uma pintura contemporânea do futuro, uma obra de 1922 que nos faz pensar agora no futuro, no cosmos e na humanidade.

Raul Córdula

* De VICENTE INVENTOR, monografia de Walmir Ayala (Prêmio FUNARTE de 1979).

** A PAISAGEM ZERO, João Cabral de Melo Neto, de O ENGENHEIRO, 1942/45.

**Raul Córdula (PB)** é artista plástico.



Ivan Paiva Jr.

Alípio Raposo Jr.

# Uma Cidade Clara

A Ana Cristina Cesar

Uma cidade clara me diz que também devo ser clara.
Não devo escrever cartas sombrias
nem desafiar as tropas da noite.
— Todo segredo será revelado —
Não devo ignorar as lívidas damas
nem morrer de encanto por elas.
Lírios no meu coração dizem não às violetas doentes.
À floresta, ofertarei flores brancas, danças e cânticos.
À montanha, darei contos e flores amarelas.
Ao mar, ofertarei círios brancos e azuis.
Uma cidade clara é uma cidade clara é uma cidade clara.
A lua acalma os estrangeiros. Os segredos dos faunos secretos são.
Os seios das ninfas são doces, doces, doces.
As crianças são filhas do céu. Os homens são filhos do Homem.
Deve-se respeitar o fogo numa cidade clara.
Dá-lhe rubi ou jade verde.
Deve-se ter cuidado com o homem-sol e a mulher-sol.
Quem dá a vida pode também tomar. Devorar. Queimar. Beber.
Quando o Grande Dragão vier o meu coração estará silencioso.
Distante da dor que destrói.
Nikar será o meu homem.
Eu serei uma mulher dançando no silêncio das cascatas.
Com minha'lma calma e meu sorriso claro.
Numa cidade clara.

Marize Castro.

Arquivo

# Ana Cristina Cesar, a falta presente.

Anchieta Fernandes

Como os sons maviosos de uma flauta mágica, que continua tocando mesmo sem os lábios e os dedos do artista executor, a poesia e a lembrança de Ana Cristina Cesar continua presente na vida literária brasileira, após passados estes seis anos de sua morte, decidida por ela própria no gesto suicida de 29 de outubro de 1983. A marca "Ana C." está como um selo indelével, influenciando toda a expressão da geração pós-moderna definida nos anos 70/80.

Como escreveu Armando Freitas Filho, na parte posterior da capa do livro/antologia "Inéditos e Dispersos" — coletânea póstuma publicada em 1985 pela Editora Brasiliense — "Ana Cristina encarava a modernidade. (...) O lugar que ocupa é na linha do horizonte — virtual e veloz. Seu verso, que pertence à vertente cultivada da geração que apareceu em 70 é, hoje, pedra de toque para toda poesia que se quer nova; com seus motivos e matizes estilizados que se deixam acompanhar, ao fundo, por uma brusca e inusitada melodia que parece ter sido feita pela mistura de cristais, heavy metal e tafetá".

Ana Cristina Cruz Cesar, esta geminiana (como eu) de 2 de junho (portanto, aniversariando na mesma data de outras grandes personalidades universais, como o cineasta Alain Resnais, o Papa Pio X e Lester Del Rey — escritor renovador da Ficção Científica) deixou, nos trinta e um anos de sua breve existência, a obra exemplar que sua geração pediu, e que se marca em cinco títulos de livros publicados em vida ("Cenas de Abril" e "Correspondência Completa", em 1979; "Luvas de Pelica" e "Literatura Não É Documento", em 1980; "A Teus Pés", em 1982), no livro póstumo ("Inéditos e Dispersos", organizado por Armando Freitas Filho e publicado pela Brasiliense em 1985), e na atividade jornalístico-cultural em revistas, jornais (com 9 anos, já criara no Colégio Bennett, do Rio de Janeiro, o "Jornal Juventude Infantil") e na televisão (foi contratada da Rede Globo como analista de textos do Departamento de Análise e Pesquisa).

Ana Cristina Cesar, a falta presente quando os poetas de hoje resolvem dizer a verdade agressiva ao leitor. Como ela, que escrevia: "É para você que escrevo, hipócrita. Para você — sou eu que te sacudo os ombros e grito verdades nos ouvidos, no último momento". Ana Cristina Cesar, a falta presente como um exemplo de saber re/ler, re/escrever outros poetas. Como ela, que re/escreveu versos de Manuel Bandeira em "atrás dos olhos das meninas sérias", trocando apenas o pronome "eles" por "elas", no que foi não um plágio, e sim o que João Batista de Morais Neto explicou (no nº de maio/88 deste jornal "O Galo") como sendo "uma **hommage** ao modelo ao poema e ao poeta a identidade lírica do Bandeira clássico ao eu-fragmentado da jovem poeta contemporânea".

## NADA, ESTA ESPUMA

Por afrontamento do desejo
insisto na maldade de escrever
mas não sei se a deusa sobe à superfície
ou apenas me castiga com seus uivos.
Da amurada deste barco
quero tanto os seios da sereia.

Arquivo

Então eu disse com um sorriso que me amava:
"O céu quando entra em mim, o vento não faz, voar, esses papéis".

Ana C.

Arquivo

Arquivo

Ana Cristina Cesar, a falta presente na criatividade poética que, como a dela, por vezes sabe metamorfosear eversivamente vocábulos, interpenetrados de partes de outros vocábulos e interpenetrando suas partes em outros vocábulos (v. aquele
"Plutarcoplatãopauto/Plutãoturcotãopauto/Platocotãopulo-plau", no poema "Mancha", jogo fonético de pura constelação recriadora).

Ana Cristina Cesar, a falta presente nos ritmos, nas aliterações, como a do poema "Deus na Antecâmara": "Mereço (merecemos, meretrizes)/perdão (perdoai-nos, patres conscripti)".

Ana Cristina Cesar, a falta presente na visualização caligramática, como no poema "gota a gota", a forma da coisa construída como palavras, temperatura experimental recobrindo o dizer intimista.

Ana Cristina Cesar, a falta presente nos precisos textos, datados como num diário, exemplificáveis em "Simulacro de uma Solidão".

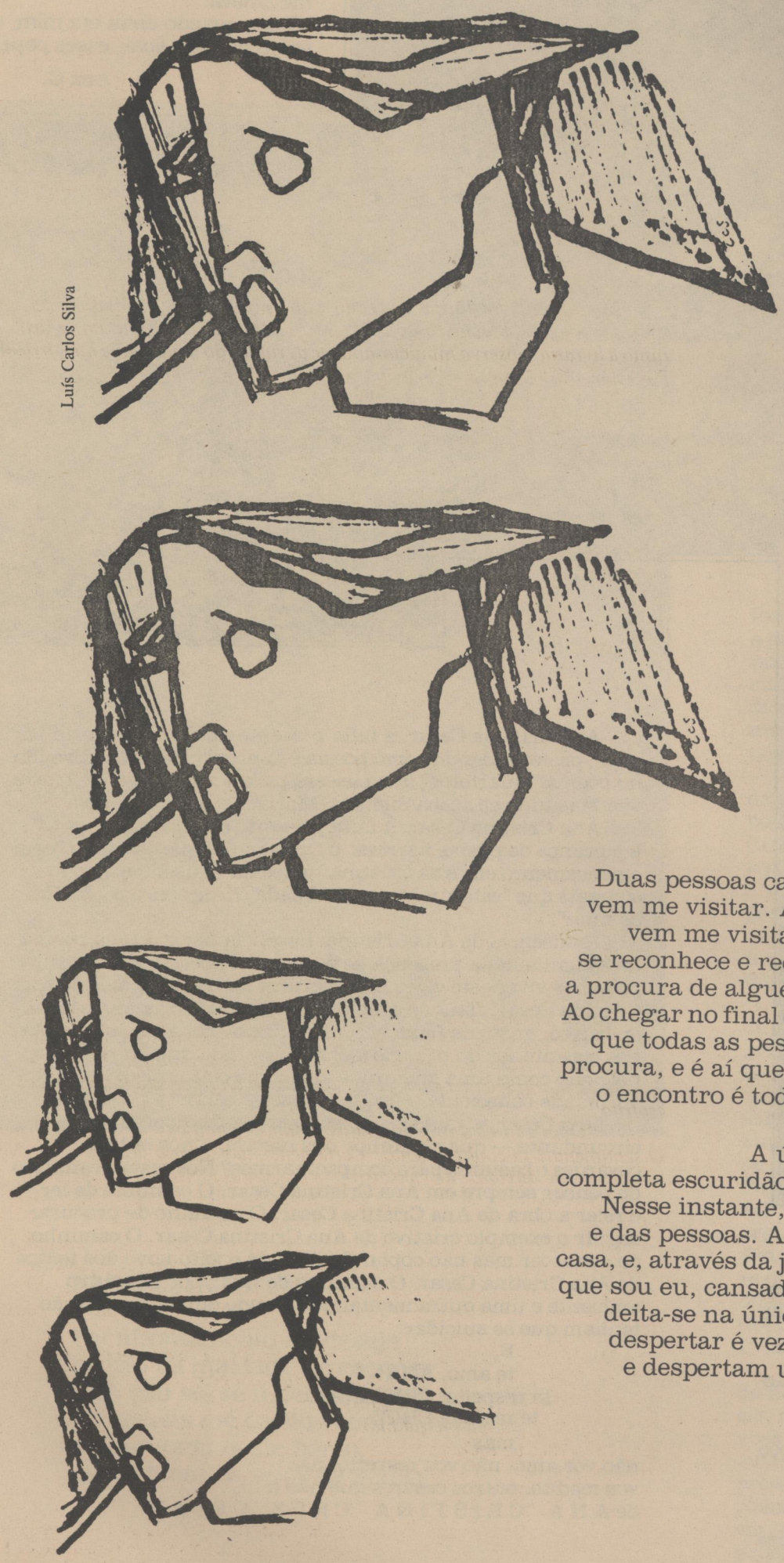
Ana Cristina Cesar, a falta presente na adolescente de 15 anos, profetisa lendo como poesia seu próprio destino, dizendo no poema "Quartetos" que nascera para a vida, mas "De morte vivi/Mas tudo se acaba/Silêncio, Morri".

Ana Cristina Cesar, a falta presente na saudade e na lembrança de poetas mestres, o Drummond que escreveu "com o pensamento em Ana Cristina" o poema "Ausência", onde constata que "esta ausência assimilada,/Ninguém a rouba mais de mim".

A ausência de Ana Cristina, ausência física de sua pessoa, foi assimilada na presença de sua marca poética, e hoje não podemos viver este viver literário sem nos lembrarmos de Ana Cristina Cesar, flauta e arco-íris, perfume de criança saída do banho, gosto de fruta cítrica, contato excitante pele a pele nos escaninhos do próprio (sobre)viver. Seu suicídio. Pensar nele não como uma loucura, e sim como o ato sério de uma dignidade consciente. Porque (pense-se bem): se uma Ana Cristina César se matou, não suportou a mediocridade circundante — que caminhos nos restam, a nós outros, covardes o bastante para compactuarmos? Nos resta o caminho de pensar sempre em Ana Cristina Cesar. O caminho de ler e reler a obra de Ana Cristina Cesar. O caminho de procurar seguir o exemplo criativo de Ana Cristina Cesar. O caminho de conhecer mas não copiar facilmente o jeito novo dos textos de Ana Cristina Cesar. O caminho de lutar por um outro ambiente e uma outra mentalidade, onde outros poetas não tenham que se suicidar.

E,
te amo, ANA
te respeito, CRISTINA
te medito, CRUZ
mas
não vos amo, não vos respeito, não
vos medito, outros cesares que não o
de A N A  C R I S T I N A  C R U Z  C É S A R

**Anchieta Fernandes (RN)** é jornalista, redator de **O Galo**.



Luís Carlos Silva

# O grande encontro

# (é o encontro e é ao mesmo tempo o desencontro e o encontro)

SOCORRO TRINDAD

Duas pessoas caminham a mesma rua. Uma vai e a outra vem. Uma vem me visitar. A outra, que sou eu, vai à procura de alguém. A que vem me visitar me olha e não me reconhece. A outra, que sou eu, se reconhece e reconhece a que vem me visitar. Mas passa porque vai a procura de alguém que não é esta pessoa que veio me visitar e ficou. Ao chegar no final da rua ou da única casa, a outra, que sou eu, descobre que todas as pessoas e a pessoa ou qualquer pessoa é alguém que se procura, e é aí que se volta para quem veio me visitar e ficou. Também o encontro é todos os encontros e o encontro ou qualquer encontro.

Cai a noite.

A única luz da casa se acende. A rua continua na mais completa escuridão. A outra, que não sou eu, apaga a única luz e pára. Nesse instante, alguma coisa acontece dentro e ao redor das coisas e das pessoas. A que veio me visitar acende outra vez a única luz da casa, e, através da janela, dedica-se a olhar a escuridão da rua. A outra, que sou eu, cansada de tanto caminhar lá fora, penetra na única casa, deita-se na única cama, cobre-se com o único cobertor e dorme. Ao despertar é vez da outra, que não sou eu, dormir. Assim, dormem e despertam uma a outra, sem, contudo, conseguirem dormir ou despertar juntas.

... O dia também não amanheceu hoje.

**Socorro Trindad (RN)** é escritora. Autora de **Olhos do Lixo, Uma Arma para Maria, Eu Não Tenho Palavras,** e outros.

# Anotações de Leitura

Américo de Oliveira Costa

**Retrato de Goethe nos Arredores de Roma,** por W. Tischbein.

*Fantasia ou realidade, conta-se que, em certa ocasião de uma visita a Goethe, talvez o primeiro encontro de dois poetas alemães, Heinrich Heine, embaraçado pelo incoercível Fascínio do gênio, esqueceu, no caminho, as frases que construíra para a entrevista, e apenas soube ou pôde dizer ao criador de Fausto esta coisa banal: que haviam sido deliciosas ao seu paladar as ameixas colhidas pelas estradas, no caminho à mansão do mestre...*

***

*No seu "Journal" (junho de 1975) anota Anàis Nin: — "A França é velha. Ela tem o perfume, o sabor, o "bouquet", a pátina das coisas antigas. Ela tem humanidade, o que New York não tem". — E mais adiante: — "Indo-se, a pé, da Ópera ao parque de Montsouris, compreendi que Paris era construída para a eternidade e New York apenas para o presente".*

***

*— Em que cidade do mundo, além da portuguesa imprevisível Lisboa, poderia existir uma estreita passagem urbana com esta fabulosa designação: — "Beco do Imaginário"?*

***

*Ainda Portugal. No romance "História do cerco de Lisboa", do grande escritor José Saramago, o arcebispo de Braga se chama "Dom João Peculiar".*

***

*Conclusão, visando ser consoladora, de um viajante, ao partir de certa cidade italiana, que lhe deixara marcas e projeções muito fortes no espírito e no corpo. — "Não ficarei aqui, mas certamente jamais deixarei de haver estado aqui".*

*A frase é dita por um dos personagens do escritor norte-americano Henry James, uma das passagens de seu livro "Companheiros de Viagem". O capítulo tem o título "Volta a Florença", embora, no caso, se tratasse de Veneza.*

***

*Anotação de um Jornal de crônica do poeta Carlos Drummond de Andrade: — "22 de janeiro de 1951. — "Tarde de chuva fina, no centro. Junto à livraria, observo minuciosamente as ruínas do tempo, que me sorriem. Para não sofrer com o espetáculo, preferia fechar os olhos. Eles, porém, inspecionam por conta própria, máquina fotográfica a funcionar independente de mim. Chove no passado, chove na memória. O tempo é o mais cruel dos escultores, e trabalha no barro".*

***

*De outra página antiga, mas de outro escritor, ao acaso o cronista Rubem Braga: — "Minha amiga estava na Biblioteca de Copacabana, quando entra um casal jovem. Ele muito magro e muito pálido, ela muito magra e muito pálida, os dois de mãos dadas. Como eles se aproximavam do bibliotecário, minha amiga, que ia sair, se deteve um instante, curiosa, para saber que livro os dois estariam querendo ler. E ouviu a pergunta: — "Aqui tem "Amor de Perdição", de Camilo Castelo Branco?"*

***

*Outra passagem sugestiva do livro Henry James, "Companheiros de Viagem", atrás mencionado, é a que diz respeito à obra famosa de Leonardo da Vinci, "A Ceia", que se encontra na parede do antigo refeitório de um convento, em Milão, "Uma parte de sua impressionante gravidade decorre, sem nenhuma dúvida", — acrescenta James, — "do fato de ser uma das primeiras grandes obras-primas italianas, que encontramos descendo do Norte", — malgrado o que nela já se verifica de desgaste pela usura do tempo. — "Da beleza e do poder essenciais da obra", afirma James, no entanto, "não pode haver maior evidência que a circunstância de, tendo tanto perdido, ela haja tanto conservado".*

*Depois da "Ceia", James viu os Tintoreto, de Veneza, os Miguel Ângelo, de Florença e de Roma, os Corrège, de Parma. — "Mas não contemplei nenhum outro", — prossegue ele, — "com a emoção comparável àquela que crescia em mim, quando a grande criação de Leonardo, emergindo do crepúsculo trágico de suas ruínas, começou a impor sua luz ao meu espírito".*

*— "Qual a força dominante dessas linhas magníficas? A arte? A ciência? O sentimento? O conhecimento? Certamente não saberia dizê-lo". — "Nos momentos de dúvida e de cansaço", — conclui o escritor, — "encontro um grande conforto lembrar a grande imagem com toda a precisão possível. De todas as obras da mão do homem é a mais profunda".*

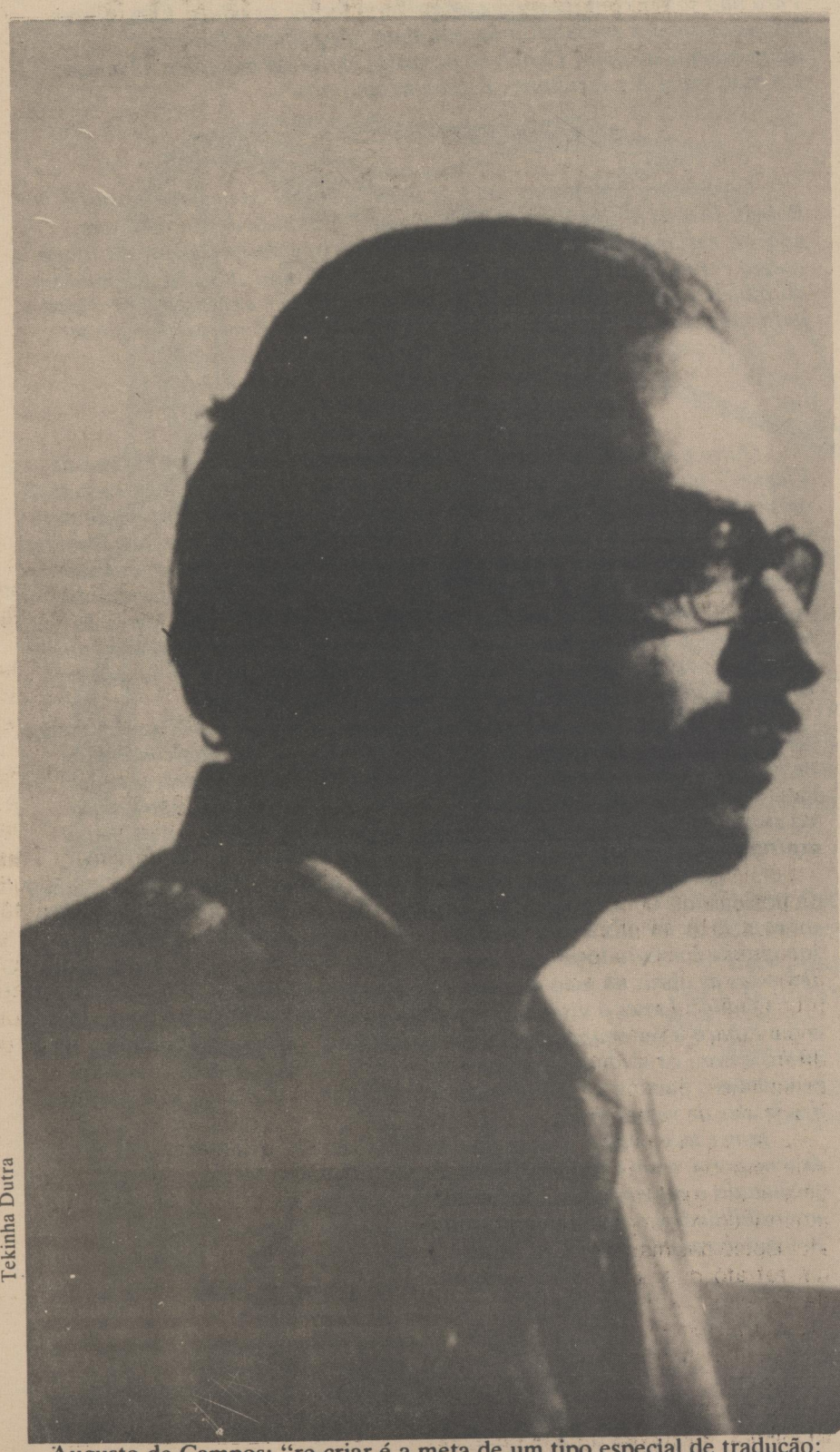
*Quando James o visitou, o mosteiro havia sido desativado, passando o seu espaço a ser ocupado por um regimento de cavalaria. Os cavalos relinchavam, os soldados gritavam palavrões, no claustro onde outrora ressoavam o passo tranqüilo das sandálias monacais e as saudações piedosas dos frades de voz mansa.*

*James teve, então, a oportunidade de observar a estupidez da abertura de uma porta, a um canto do afresco, dando passagem para o refeitório, facilitando o movimento. A tanto podem descer a insensibilidade e a glutoneria humanas. Aliás, as cicatrizes não desapareceram de todo...*

**Américo de Oliveira Costa (RN)** é escritor, membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Publicou recentemente o livro **O Comércio das Palavras.**

# O anticrítico pós-tudo

**Gilfrancisco**



Tekinha Dutra

Augusto de Campos: "re-criar é a meta de um tipo especial de tradução: a tradução-arte".

A poesia Concreta está completando trinta e três anos de experiências radicais com a palavra e o espaço poético, pela palavra-objeto (poesia concreta, uma nova teoria da forma poética). Surgida no Brasil em 1956, quando o grupo **Noigandres**, Augusto, Haroldo de Campos e Décio Pignatari, lançaram oficialmente na Exposição Nacional de Arte Concreta, realizada em dezembro em São Paulo e fevereiro do ano seguinte no saguão do Ministério de Educação e Cultura, no Rio de Janeiro. Ano em que é publicado os números 3/4 da revista **Noigandres,** onde divulgaram suas novas experiências. O movimento encontrou de imediato apoio no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, que a 23 de fevereiro do ano seguinte, lançavam o manifesto **Plano-Piloto para a poesia concreta,** e em 1958 a revista trazia este manifesto e o texto de Décio **Situação Atual da Poesia no Brasil** e três anos mais tarde na revista **Invenção** e daí em diante uma infinidade de trabalhos teóricos, além de produzirem e divulgarem poemas concretos.

Outros poetas se destacaram no movimento como: **Mário Faustino, Edgar Braga, José Lino Grünewald, Ronaldo Azevedo e Pedro Xisto.** O concretismo foi bastante difundido no exterior e no Brasil fora do eixo Rio/São Paulo, atingiu vários Estados: Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Norte e Ceará, apesar de contraditório, foi onde o movimento mais se solidificou, com programações de palestras, seminários e várias edições de livros dos novos adeptos, em especial seus líderes nordestinos, **José Alcides Pinto e Girão Barroso.** O concretismo, poesia fundada na palavra e no aproveitamento do espaço gráfico, numa tentativa de interligar a poesia à música, à pintura e as artes, caracterizando-se pelo antagonismo em relação aos recursos poéticos tradicionais, ou seja é a exploração de todas as potencialidades das palavras e das combinações sintáticas. Tem suas origens ou raízes na tradição das imagens do simbolista trancês, tendo como registro o texto de **Mallarmé** Un Coup De Dés, publicado em 1897, onde o poeta apresenta experiências inéditas neste campo, tanto para seu estilo como para a poesia existente na época, passando por **Apollinaire Joyce** até chegar a **Pound e Elliot,** mas foi o poeta norte-americano **Cummings,** quem mais influenciou no desenvolvimento das experiências, sofrendo também influências internas nos poetas: **Sousândrade, Oswald de Andrade, Joaquim Cardozo e Ferreira Gullar.**

No Brasil, a explosão da poesia, isto é, a generalização do rompimento com a concepção tradicional, nasce com o grupo **Noigandres** e dessa ruptura, mediu-lhe as consequências e lançou bases da concepção vanguardista da poesia moderna. Muito jovem **Augusto de Campos,** aprendeu inglês, francês, provençal, russo, italiano e latim praticamente sozinho, e aos dezenove anos já escrevia sobre **James Joyce** e traduzia versos do maior poeta/crítico contemporâneo, o americano **Ezra Pound,** o intelectual que o influenciou. Fiel a tudo que aprendeu com a poesia e a crítica literária e **Pound**, Augusto de Campos continua igualmente fiel a si mesmo, à sua maneira intransigente de encarar a arte. Como poeta, tradutor e crítico, vem dando-nos o que bem e de bom poderia dizer-nos, uma compreensão pela eficiência verbal, pela capacidade intelectual, renovadora e revolucionária.

Sua obra poética está

parcialmente coligida no livro **Viva Vaia** (1949/85—Ed. Brasiliense, 1986, onde encontram-se reunidos nove títulos publicados anteriormente, a partir de 1951; **Expoemas** (1980/85) Ed. Entre Tempo, 1985; **Poemóbiles** (1968/74) Ed. Brasiliense, 1985. Sua criatividade erudita, assusta pela dimensão da obra. Como crítico incomparável, aos cincoenta e oito anos de idade, **Augusto de Campos** se divide entre a poesia, a vida e a cidade — poesia de campos e espaços —, com um magnetismo ritmico e sonoro. Através da dimensão histórica e humana da atuação, sua obra localiza-se no espaço urbano-industrial, passando a conviver com suas próprias mutações, não como um poeta artesão, mas como um verdadeiro artista que necessita conhecer suas matérias-primas a serem produzidas.

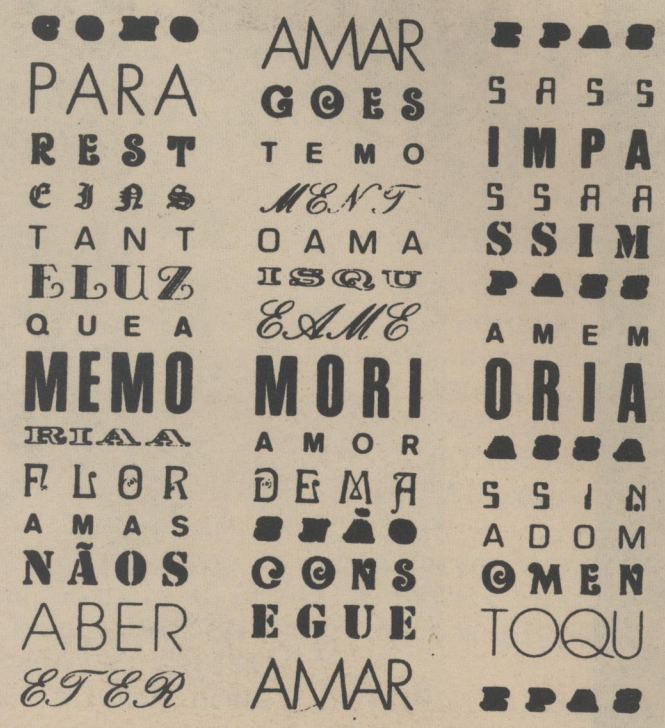
Com seus pontos luminosos, olhos vivos atentos para o cósmico, para a modernidade & industrialização, o poeta se move nesta ilusória viagem com tamanha tranquilidade de espírito, num sistema repressor, cujas chaves estão em outras galáxias, sem tocar na linha de demarcação entre a antiga e a nova crítica. E essa crítica já existe — **nova crítica**, que às vezes não coincide nem temporariamente com a **crítica nova**, ver **O Anticrítico** comp. das Letras, 1986; À margem da Margem — Comp. das Letras, 1989. A crítica é um denominador comum, acessível a quem se disponha somente a prendê-la, porque todos os criadores de obras que se desenvolvem no tempo, sabem por certo que a obra é um todo e que é preciso partir desse todo, para compreender-lhe a gênese. — Aos magos impressionistas críticos, a crítica já lhes deu às costas.

**Augusto de Campos** vem influenciando uma nova geração de críticos e poetas, é uma das fontes em que se nutre a crítica atual, ou seja a essência da crítica. É portador de autêntica e alentada obra, discutível, polêmica e mutante, desbravador, um abridor de caminhos. É Augusto o responsável por colocar ao alcance do leitor brasileiro, os grandes nomes da poesia moderna: **Pound, Maiakóvski, Valéry, Mallarmé, Cummings, Verlaine** e outros. A obra de **Augusto de Campos**, é de grande importância para o estudo da teoria e prática literária, sobretudo hoje, quando mais do que nunca surge novos critérios de julgamentos para todos os valores. Iniciando nova etapa no movimento de vanguarda, colocando sua produção como desencadeador de toda a problemática atual, da experimentação crítica/poética, o poeta concreto desmonta onde, quando e como se fabricou a modernidade, cuja fabulosa efervescência criadora, se deu num momento de crise político-social. A repeito de uma controvérsia antiga, é preciso ser absolutamente moderno. Novo. Afinal, num país de ficção como o Brasil, o limite entre a verdade histórica e a imaginação sempre se confundiram, pois a crítica tupiniquim, não nos move nem de leve — uma crítica de imobilidade por repetição.

*a joão cabral* *agrestes*

| | | | |
|---|---|---|---|
| uma | fala | tão | faca |
| fratura | tão | ex | posta |
| tão | ácida | tão | aço |
| osso | tão | osso | só |
| que eu | procuro | e não | acho |
| o ad | verso | do que | faço |
| o | concreto | é o | outro |
| e | não | encontro | nem |
| palavras | para | o | abraço |
| senão | as | do | aprendiz |
| o | menos | ante o | sem |
| que | só aqui | contra | diz |
| nunca | houve | um | leitor |
| contra | mais | a | favor |

**MEMOS**




*Augusto de Campos — 1976*

Ao vencedor as Batatas!!!

Sua obra não se explica em poucas palavras, uma crítica que irrompe o "horizonte do provável", de tal valor que certamente passará a ser necessariamente ponto de referência, para quanto se fizer a crítica moderna/contemporânea, não somente no Brasil, como no exterior também. **Augusto de Campos** toma para si, a relação entre a narração e a narrativa, com o fito de estabelecer na leitura do texto, a proposição de uma reflexão teórica, sobre a arte na própria prática da linguagem. Procurando estender o alcance do discurso literário, na proposição de uma teoria da linguagem, não seguindo a grande diferença de orientação teórica dos articulistas, dando ao processo indicativo um estado prático, da própria linguagem de cada texto. Ou seja, propõe um método crítico para uma abordagem concreta do texto, mostrando o comprometimento ideológico das massas, apresenta-nos um retrato das posições contextuais da relação entre semiologia e literatura, tomando por base, ainda que implicitamente as várias direções criativas.

Ao contrário da tradição crítica Brasileira, é através da sua obra, ser possível, viável e desejável, uma conversão intelectual que subitamente encontra o ponto harmônico de convergência, entre o grande dinamismo autropocósmico e o dinamismo individual que a subjetividade exprime. Modernidade expressional, aliada a um mergulho na tradição viva "Mais Provençais" — Comp. das letras, 1987, visão profética e dinâmica, radicada numa visita às fronteiras, eloquência e fôlego verbal, matizado por certa frieza conceitual que lembra **Pound** & **Elliot.** Em síntese, singularidade, originalidade, presença de um notável crítico, cujo nome importa reter e cuja obra importa conhecer. Nos anos 70, **Augusto de Campos** deu vários cursos sobre poesia brasileira em universidades americanas, sendo uma das suas grandes heranças a redescoberta de dois poetas extraordinários, o baiano **Pedro Kilkerry** e o maranhense **Sousândrade**, quando publicou valiosíssimos trabalhos críticos.

**Gilfrancisco** é professor e jornalista.

# NADA SERÁ COMO ANTES, ÁGORA

Foto de cena: Yêda Costa Bezerra de Mello

Jomard no vídeo Eternamente Ágora, realização de Gorge Moura e Alexandre Figueiroa.

Jomard Muniz de Britto

O regime autoritário, eufemismo politiquês para o golpe militar de 1964 reforçado pelo AI-5 de 69, já produzira nossos heróis mais por demais festejados: os filósofos do cotidiano musical, Gil e Caetano; o transpedagogo Paulo Freire experimentando pelo mundo seus **círculos de cultura;** o poeta romanticamente irado Chico Buarque de Holanda; o mártir do proletariado, à deriva de si mesmo, Gregório Bezerra; o príncipe da sociologia latino-americana, Fernando Henrique Cardoso; o elegante memorialismo de Paulo Cavalcanti. Além do maior teatro da crueldade pelos historicamente DESAPARECIDOS. Entre as críticas do populismo, as teorias da dependência e a modernização internacional-conservadora, os anos 70 arrasaram.

Pelos restos de janta abaianada ou pelos desvios da baía de Guanabara sem a bossa dos barquinhos, nos ultrapassamos pela guerrilha dos encantos mil do jornalista Lúcio-Flávio Regueira, ainda hoje resguardando as seqüelas do SNI, corroendo ícones de Drummond e Cecília em nossas rarefeitas cédulas. Ou pós-células. Além do Prêmio Nobel da Paz sempre vislumbrado por DOM Hélder Câmara.

A tormenta dos anos 70: ALÉM DO APENAS MODERNO (Gilberto Freyre), DEUS NO PASTO (Hermilo Borba Filho): leituras antecipadoras de nossa contemporaneidade. E as utopias da **revolução permanente?**

— "Comunicólogos, como atualmente (sic) o Professor McLuhan, e futurólogos, como os brasileiros — inclusive o autor, desde seu curso de conferências na década 60, sobre Futurologia, na Universidade de Brasília — a perspectiva que crêem mais aberta ao futuro é a de especialismos que tendam a conciliar-se com o geral, num relativo neo-generalismo". (GF, ibidem, Livraria José Olympio Ed, RJ,. 1973).

Dos ambicionados **neo-generalismos** somente nos restaram os CIVILTARES. Além do cinismo, ora oportunista, ora neo-iluminista.

Yeda Bezerra de Mello

**Eternamente Ágora. Esquerda p/direita (cima p/baixo) Jomard Muniz de Britto, George Moura, Alexandre Figueiroa, Vavá Paulino e Yêda Bezerra de Mello**

Yeda Bezerra de Mello

Jomard Mefistofelizado

Tentamos, como antes, entre festas e dissipações, MACHONALISMOS e androginias verdejantes, academias e movimentos sociais de base, eterna relembrança de nossa MUNDANIDADE INTELIGENTÍSSIMA. Apesar do REGIME, como analisou Roberto Schwarz, a hegemonia cultural continua sendo de ESQUERDA revolver. Os fantasmas do NACIONAL-POPULAR persistem fazendo barulho nos Salões e Conselhos.

Anos 70 de resistência também fervendo em rock e raiva. A cruel diáspora do LEÃO DE SETE CABEÇAS. Geração mimeógrafo. Boca-do-Lixo luxuriosa. ABISMOS. Onde não há pecado nem perdão?

Agora é ÁGORA; neste II GOVERNO ARRAES III (turno), a cultura no poder atende pelos nomes do admirável Bruno Ribeiro e da mais cortesã viuvíssima Lêda Alves da FUNDARPE. Entre os dois, pelas tensões libertárias entre Olinda e Recife, o artista-intelectual-militante João Câmara Filho permanece dedicando irrestrita fidelidade **assessorial** ao Patriarca e, ao mesmo tempo, fazendo declaração de voto pela transparência de Roberto Freire. Enquanto Ferreira Gullar, do alto ou baixo Corcovado, pontifica em memória do Partidão, Ariano Suassuna, pelas mãos magnânimas de Marcus Vinícius Villaça, é aclamado para a Academia Brasileira de Letras. Continuamos cultivando as flores e fezes do INTIMISMO À SOMBRA DO PODER (Carlos Nelson Coutinho).

Salve-se quem souber da sociologia do ressentimento. Para nada salvar, nem mesmo a alegria. Mefistofelicizar-se? Quem não for Mephisto que atire a primeira pedra no reino ou n'O GALO.

Porque nossos lábios de mel e fel estão exaustos de tanto sucesso & imortalidade, os anos 70 nos ensinaram a envelhecer sem ENVILECER. Sem rimas nem solução de "compromisso". Daí a razão de ser do ESCREVIVENDO e das ESCRIDURAS, do INVENTÁRIO DE UM FEUDALISMO CULTURAL (em parceria com Sérgio Lemos) e dos filmes super-8 a partir das rupturas cênicas do Grupo VIVENCIAL. Os anos 70 nos descortinaram OUTRAS CENAS DA VIDA BRASILEIRA.

O melhor do pior é que sobrevivemos festejando: entre os vivaldinos e os necrófilos da cultura com K. O mais é diluição da diluição da mais divina decadência. Ou ainda o esplendor do ANJO AVESSO de Alceu Valença. Vamos dançar, Delminha?

— RECIFEDE, 1 de outubro de 1989.

**Jomard Muniz de Britto (PE)** é cineasta, poeta, arte-educador, escritor. Foi protagonista do vídeo de Yeda Bezerra de Mello, **Eternamente Ágora.**

# RASURAMORE

## FLORIANO MARTINS

1.

Tua voz dissipada entre taças de rumores
em que dizer é precisamente ocultar
Banquete de deuses no espelho de teu corpo
Música de pedras
Olhos do obscuro
As sombras
que iluminam tua ausência
Vens às palavras
Jaulas de cristal da noite que te recria
O poema uma lanterna cega
Vens
O que dominas o fogo rapta
O silêncio a posse de teus bens as carnes
de uma escritura que se desmancha
no ar
Máscaras
de um feitiço interrompido
Lacre violado de tua
lição do oculto
Uma sílaba nos persegue até a morte
Lâminas de gestos um movimento o poema
se retrai
Não sobrará
nada de ti
para a revelação do amor

2.

Pequeno bosque de imitações Mordes
o cofre de minha alma profana tua
paixão pelos mortos Queimas a última
carne do jogo Corpos saindo do fogo
Os abismos bebem em ti rostos & fontes
Fúria de tuas folhas ocultas Sujas
os lugares suspeitos onde o crime se banha
Árvore nas coxas a beleza em sangue
Tua sala de quartzo Invertes o cosmos
de teus ritos Variações de **Yausa** Tu és
**vitae locus** todas as mulheres Altares
do caos Fendas nas trevas Ódio em ti
feito hinos na terra incógnita Rasgas
a pedra escrita na colina que se move
Um vadio na noite aprendo a ser teu

3.

O enigma é tua fonte
Poço imenso
cujo fundo não se toca **a beleza dificultada**

Astúcia que rói o tempo
Perigo de espíritos
que se imolam espelho adentro

Faca infecta de palavras
no podridume do vazio
Fezes de sombras
Mapas de vozes mutiladas
Coração do mundo
Hora de ruir novamente
Hora do enigma
chafurdar uma vez mais
na lama de sua
atormentada convulsão

Sátiros e insetos
em obscuros salmos
Meu corpo nu permanece aqui
(a alma sobe ao inferno)
Tempo feito de pedra

4.

Vento
Raiz do sol
Lago do fogo
Abismo imóvel que a tudo retém
Fonte de cinzas
Ilusório ninho Terra Mãe de enganos
Retorno a ti
Tu
Mesmíssimo filho
que as palavras cegam
Furor de criaturas em teu olho de nuvens
Carne aberta
em gozo
Tu
Vento
Ventre
**— un'opra senza nome —**
A ti retorno

5.

**La floresta si muove**
Mar de amores em sobressalto
PLANETAS EM TRANSE
Toda a origem dentro do olho o olho marfim
do tempo dentro de mim seu veneno
e em torno fantasmas
deuses
peixes
Pequenos lagartos
ali
ruminando selvas
Risos de rochas
Fúria de folhas contra o ventre
(O abismo bebe o sumo de ignotas eras
abandonadas em tua sombra)
Simulas pistas
dentro e fora
Gotejante céu
Corpos nus sob a laje do sonho as palavras
derramadas na carne o amor em fragmentos
Coro de músculos Tua pele é minha ira
Cintilâncias
de uma só
e oculta fonte

**Meu amor pelo homem pedra arremessada**
**à distância Parábola de si própria**
**Meu amor ainda canta na voz de cinzas**
**da floresta**

6.

**Rostos tocados pela escuridão**
Certos corpos nus e sujos
Palavras que gemem
Tremor de costelas
Ossos de luz ossos mínimos estraçalhados
O pó da noite em suas cavidades
Máscaras de ruínas
Fome da fome
Pequenas aldeias por todo o corpo
Em cada gesto
Amuletos
A morte é uma porta silenciosa
em que o homem se percebe incriado
Sua alma ainda cega
Fogo do riso
O mundo ficou sem resposta

7.

Enseio-me em ti
Imanente
Ovo de faróis
Fomes elementares de uma via de óleos
Tu
Figura total
Selvagens clãs que o tempo não
Garras de fúrias no abrigo de abismos
de tuas
Deflores túrgidos
NEGRAS GEMAS
**osculum sub cauda**
Enterra-me no inferno de tuas
Que belo crime decepar teus sentidos
Anjo
Lábios delitos
CIDADES EM FUGA
Os miseráveis infames ocultados em tuas
Foco de almas rasuradas
**A criatura é um ensejo de queda**
INFINITAS MANOBRAS
Ser de mitos
Flor de fugas
Retiro-me de tuas
Anjo
Fascinado pelas marcas que em mim
Onde a morte se esconde
RUINAS

8.

Sou eu de joelhos
Tu a imagem
Gotas do desejo ilhando minha fronte
Sendo o tempo a água que me anuncia
Quem sou eu
Tempo
Tu que a tudo desvelas
Que máscara um certo prazer
tem em mim insistido seu dom
Que ritmo que elo que rastro nu
guarda em mim seu pó
Em ti
Salto no que não se imita
Talhos de espelho além
Eu mesmo te abrindo em rosas
Todas as sombras todos os restos
Migalhas refazem o mundo

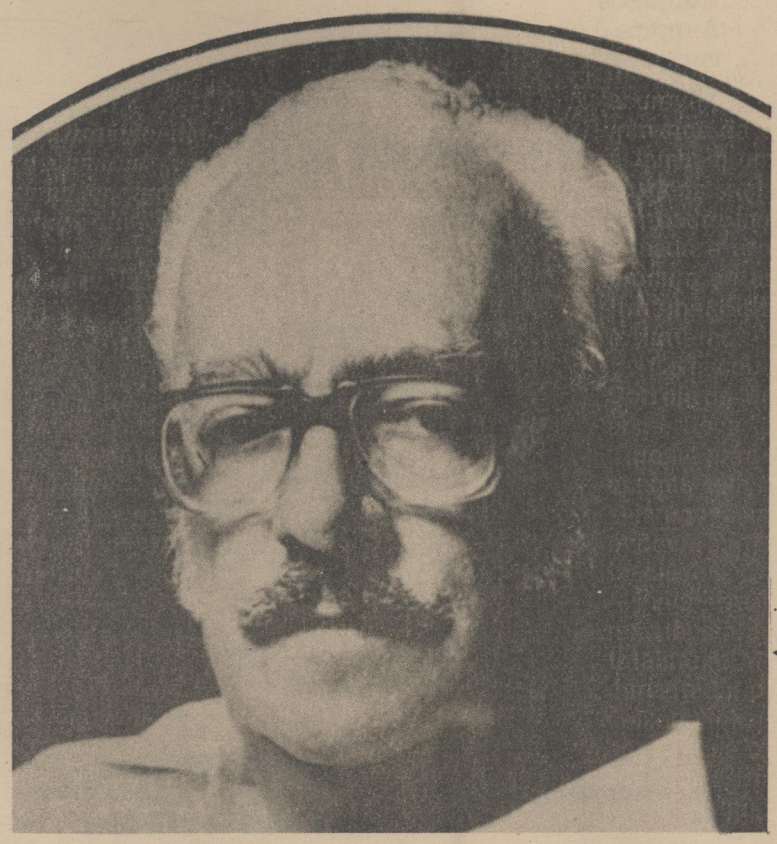
Ivan Paiva Jr.

**Floriano Martins (CE)** é poeta, tradutor, ensaísta, autor dos livros **Nenhuma Correnteza Inaugura Minha Sede, Di Versos em Versos, O Amor pelas Palavras, As Contradições Terríveis e Sombras Raptadas.**

# ANTÔNIO CALLADO,

## um escritor humano e íntegro

André Pestana



Arquivo

O que mais nos impressiona, ao aproximarmo-nos de Antonio Callado, é a sua natureza humana, serena e íntegra. A literatura tem o supremo papel, o poder especial de tornar o homem mais humano. Há em Callado uma espécie de estabilidade, de equilíbrio, de harmonia íntima.

Esse escritor urbano, que foi aprender com os índios a lição da alegria, da leveza, da vida, da liberdade, construiu um dos romances mais fortes e homogêneos que já escreveram no Brasil, **Quarup.** É um romance da alegria e do amor. Mas é também um livro impregnado de imagens sociais, de densidade social. Um padre inquieto que busca a luta armada e a plenitude da mulher, à procura de uma sociedade justa e fraterna. Eis o que Callado realmente é: fraterno.

Começou como jornalista no **Correio da Manhã**, em 1937, aos vinte anos. Logo depois, parte para a Europa, para Londres, onde iria viver apenas seis meses e acabou vivendo seis anos. Na verdade, Callado evitava um Brasil simpático aos fascismos, o Brasil do Estado Novo. A Inglaterra iria representar a resistência ao nazismo e ao espírito totalitário. Mas, na Europa deflagrada, dilacerada, ele jamais deixou de ser um brasileiro, o homem cordial que ele é. Afirmou que nunca trocaria o Brasil por outro país, qualquer que fosse.

A Guerra o marcou, a visão dos bombardeios, da destruição iminente do próprio gênero humano. Ele foi o primeiro brasileiro com o paulista Marcelino de Carvalho a entrar na Paris libertada, em 1944. Tudo isso impregnou a sua sensibilidade de artista. E, de repente, teve aquela necessidade funda de voltar ao Brasil, de reencontrar-se com o Brasil.

Clarice e Callado pertencem à mesma geração. A autora de **Água Viva** e o autor de **Sempre Viva** recolheram a mesma lição do modernismo como estética renovadora e a levaram muito adiante, pelo rigor, pela exigência. Na sua primeira fase, Callado é um escritor mais preocupado com a essência metafísica do homem. Livros como **Assunção de Salviano** e **Madona de Cedro** o que nos revelam é sempre a busca de valores transcendentes e permanentes. Uma procura que sobrevive até hoje em Callado, ser profundamente humano. Contudo, o escritor ganhou com os anos e as suas experiências próprias uma dimensão maior, a descoberta do social enquanto social.

Callado sentiu a responsabilidade social do escritor, o seu dever de dar testemunho em face do tempo presente. Enquanto escrevia **Quarup**, esteve preso por duas semanas, porque participara, na porta do Hotel Glória, de manifestação nacionalista. Callado encontrara o caminho da reivindicação, da luta pelo homem brasileiro com o seu instrumento específico, a literatura de ficção.

**Reflexo do Baile** e outros romances estão nesta mesma linha, de afirmação e de combate. Não é a dele uma literatura panfletária. Ou de comício. Mas uma literatura em que os valores estéticos são adequadamente respeitados e sublinhados. O seu destino social está preso, sobretudo, à liberdade como valor irredutível.

Cândido Portinari foi seu amigo. Fraternal amigo. E se queixava com ele — ah, se eu conhecesse as palavras como conheço as cores... Callado escreveu todo um livro a respeito de Portinari. E acompanhou muito de perto a gênese dos poemas que Portinari escreveu e publicou. Dessa amizade resultaria o belo quadro, a cabeça do artista quando jovem, que hoje está na sala do apartamento no Leblon. Portinari e Callado se entenderam muito bem, por causa da seriedade de ambos e desse amor à literatura que os mortificava e os alegrava.

O jornalismo teve um papel definitivo na sua vida. Como jornalista, ele se preparou para a sua aventura maior, de ficcionista, de criador. O jornalismo temperou-lhe o estilo, depurou-lhe a forma. Forma e estilo que culminariam em **Quarup** numa espécie de explosão. Suas grandes reportagens sobre os índios ou sobre as condições de vida do Nordeste, suas andanças pelo interior brasileiro, tudo isso era um simples material jornalístico e se transformou em matéria de valor perene.

Callado admira e ama a obra de Machado de Assis. É um machadiano, um machadófilo. O seu senso da medida, da proporção encontra um ambiente propício, perfeito nos textos sóbrios e contidos do bruxo do Cosme Velho. Mas há uma antítese. Callado é um homem sensível à natureza. E Machado é um autor sem quintal, sem árvores, sem natureza exterior. É o romancista de Matacavalos. Callado une em si as duas vertentes, o urbano e a natureza. A vida interior e a paisagem.

Nosso Callado é um ser receptivo, autêntico, disponível. De uma disponibilidade não propriamente gideana, mas no sentido de uma liberdade que lhe permite ser apenas ele mesmo, fiel a si, um homem simples entre os homens. Ele deseja o diálogo. É um homem inteiramente dialógico. Eis a sua virtude maior, o seu dom especial.

O social e o metafísico, o mundo interior e a vida exterior com todos os seus apelos, tudo aqui se concilia, numa grande síntese inquieta e, todavia, serena. Que pretende a literatura a não ser constituir-se num diálogo entre os homens? Para Callado, a literatura é essa ardente viagem ao âmago da vida, da vida total, que abrange todos os planos, todas as aspirações, todos os horizontes do homem.

**André Pestana (RJ)** é escritor.

# PRESERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS

Ivoncísio Meira de Medeiros

As atitudes adotadas perante os bens culturais pelos homens ou pelo Poder Público, são extremamente variadas. Valorizadoras ou desvalorizadoras, segundo a época, o uso, a importância histórica ou social, o interesse científico. Uns, olham desinteressadamente. Outros examinam com mais atenção, apreciando a sua importância e significação para a organização sócio-cultural da comunidade. Os bens culturais são móveis e imóveis. Os primeiros são constituídos pelos utensílios de aspectos variados, livros, manuscritos, fotografias, coleções de jornais e revistas, e outros objetos de interesse histórico, arqueológico ou artístico. Na categoria dos bens imóveis, estão os monumentos de arte e de história, os sítios arqueológicos e as construções que revelam notável importância sócio-cultural ou arquitetônica. Bens culturais são as paisagens que importa em conservar e proteger pela feição singular que lhes tenha dotado a natureza ou que tenham sido agenciadas pela mão do homem, associando, assim, cultura e meio-ambiente. Bem cultural é o pensar, o fazer e o agir, fontes de expressivo valor documental.

Nós somos o resultado de inúmeros elementos culturais, ignorados pelas gerações atuais como formadores da sociedade. Como testemunhas do passado vivem sob a ameaça do desaparecimento, sem critérios de preservação. A crescente industrialização e a especulação imobiliária destroem, inconscientemente ou com propósito deliberado, as testemunhas de velhas e preciosas tradições. A escolha dos bens culturais a serem preservados sempre está na dependência da sensibilidade e da inteligência de um indivíduo ou de um grupo que, por meios particulares ou recorrendo ao Estado, exigem a preservação e a conservação desses bens.

É inegável que a preservação dos bens culturais exige do Estado uma legislação apropriada. Os museus, privados ou públicos, coletam, conservam e expõem os bens móveis. Os imóveis são tombados e restaurados com o apoio do poder público. Quando não, são tomadas medidas, por razões econômicas e sociais, que visam a destruição de edificações e o desaparecimento de sítios arqueológicos ou a ocupação desordenada de áreas de notável beleza natural, induzindo-se, assim, a um vandalismo voluntário ou irrefletido.

A lei bem concebida contém dispositivos que impõem a reparação ao dano causado ao bem cultural, pesadas multas pelo roubo ou destruição, como também ajuda financeira, isenção fiscal e orientação técnica, para a sua conservação.

No Brasil, sob a inspiração de Virgílio de Mello Franco, o Governo Vargas editou o Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, criando o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional com a finalidade de preservar "o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico", equiparando-se aos mesmos os monumentos naturais, sítios e paisagens de notável beleza, e impondo penalidades ao vandalismo praticado contra esse patrimônio.

Sob a proteção desse Decreto-Lei, o Estado do Rio Grande do Norte inscreveu-se no Livro do Tombo Nacional com os seguintes monumentos: Fortaleza dos Reis Magos (1949), Frontão do Cemitério de Arês (1962), Marco de Touros (1962), Sobradinho da Rua da Conceição (1963), Palácio do Governo (1965), Casa de Câmara e Cadeia de Vila Flor (1964), Casa de Câmara e Cadeia e Igreja de N. S. do Rosário do Acari (1964), e a Igreja de São Gonçalo do Amarante (1964).

A legislação estadual que protege e conserva os nossos bens culturais está consubstanciada na Lei nº 4.755, de 03 de outubro de 1978, regulamentada pelo Decreto nº 8.111, de 12 de março de 1981, sob cuja égide foram tombados e restaurados, em Natal e no interior, dois monumentos em 1983, três monumentos em 1984 e outro tanto em 1985. A partir de 1987, até a presente data, 17 monumentos de significativo valor histórico e arqueológico, inclusive a área que circunda o Pico do Cabugi, já foram registrados nos Livros do Tombo Histórico e do Tombo Paisagístico. Em processo de tombamento, encontram-se 15 monumentos e mais 5 em fase de organização, todos de iniciativa da Fundação José Augusto e de particulares.

Com a criação do Sistema Estadual de Museus, através do Decreto nº 9.987, de 11 de janeiro de 1988, o Rio Grande do Norte vem desenvolvendo uma política de integração e de revitalização dos Museus, sejam públicos ou privados, com o objetivo primordial de preservar os seus bens culturais móveis, notadamente a arte sacra, a documentação, memória dos seus filhos ilustres, bem como a criatividade dos seus artistas plásticos.

A salvaguarda do patrimônio histórico, artístico, arqueológico, paisagístico e documental deve ser também uma atitude local, municipal. Conscientizar o Poder Público do município da importância do seu acervo. Levar à Escola o conhecimento do valor desses bens. Fazer com que a comunidade conheça suas origens e o sentido do seu pensar, fazer, e agir é o desejável para a preservação dessa herança cultural extremamente variada.

Os sinais da evolução desordenada da sociedade já se manifestam na depredação, senão na destruição desses elementos culturais originais, próprios, formadores. Ao Poder Público e as associações culturais e comunitárias cabe resgatar, preservar, sentir e transmitir o valor desse patrimônio.

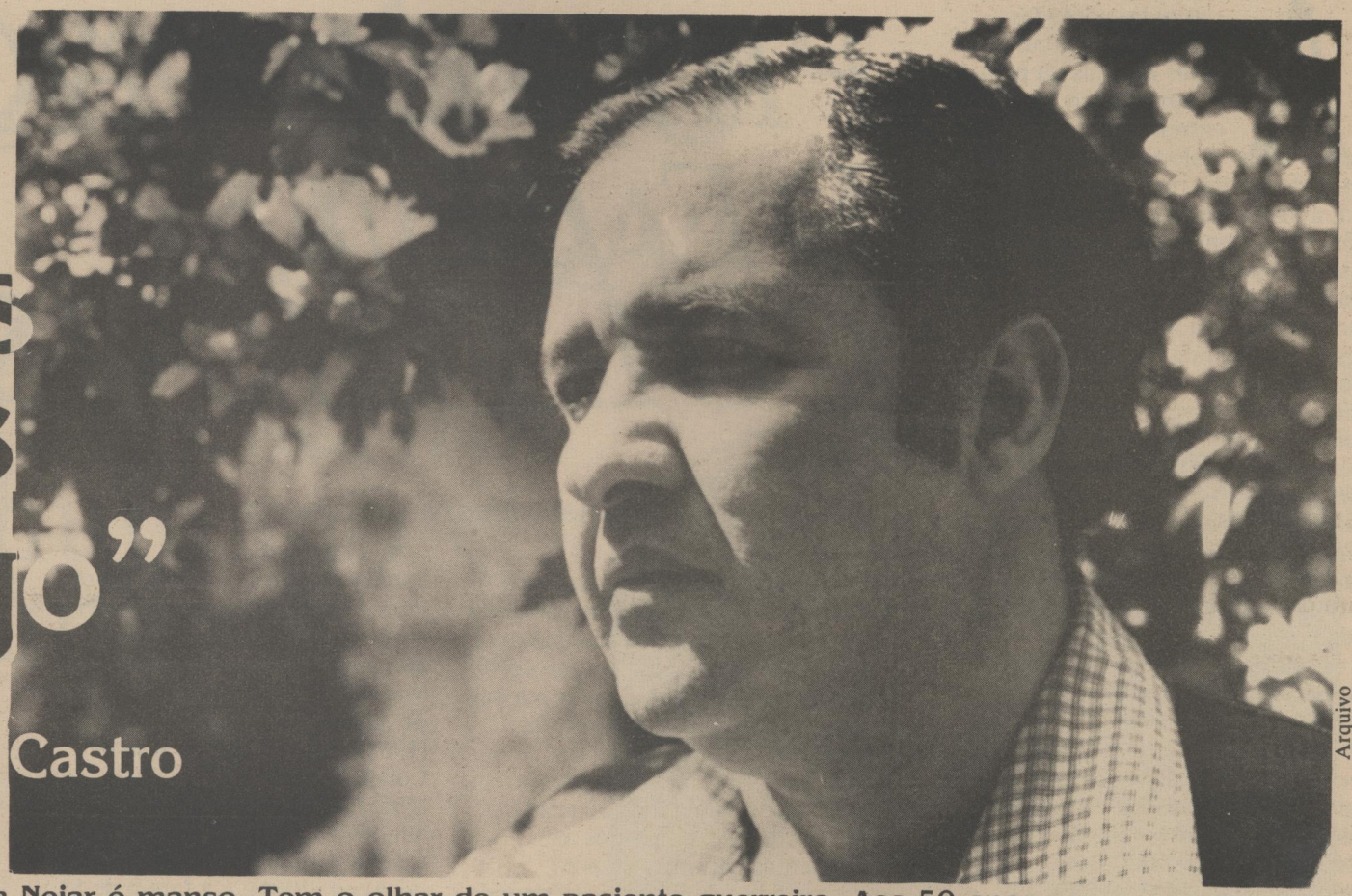
Arquivo

A Fortaleza dos Reis Magos, na Praia do Forte, em Natal.

**Ivoncísio Meira de Medeiros (RN)** é Diretor do Centro de Documentação Cultural da Fundação José Augusto.

# Nejar: "Somos forjados pelo fogo"

## Entrevista a Marize Castro



Arquivo

O poeta Nejar é manso. Tem o olhar de um paciente guerreiro. Aos 50 anos diz conhecer outra espécie de juventude, a juventude do amor. Com um novo livro na praça, a antologia "A Genealogia da Palavra", editado pela "Iluminuras", Nejar se diz um autor de livros. Com voz calma pausada, o poeta afirma sem temor que a crença na palavra é a crença no ser humano.

"Quando não se pode mais ouvir os seus poetas o país começa a sair da sua própria grandeza". Eis um poeta que crê na verdade da poesia.

Com lágrimas nos olhos o poeta fala de amor, paixão, labareda, fogo, síntese, ritmo, criação, crítica, dor, Brasil. Era uma noite de sábado, em Goiânia, Goiás, Centro-Oeste do País, encerrava-se o III Encontro Nacional de Escritores. Foi um momento de luz e liberdade, é este momento que nós dividimos com os leitores de "O Galo".

**Marize Castro — Nejar, qual a poesia que hoje floresce no Brasil?**

Carlos Nejar — Eu penso que mais do que nunca no Brasil de hoje emerge uma poesia que através da linguagem tenta dar um rosto, uma identidade, uma voz a esse nosso Brasil. A minha geração, que é a geração de 60, é uma geração que busca transformar a realidade através da palavra, remover a pedra do meio do caminho que Drummond percebeu de uma forma genial. A pedra no meio do caminho é o problema, o obstáculo, tudo aquilo que arreda o homem da sua dignidade. Por isso que se busca uma poesia épica, porque é uma poesia que tenta mudar as coisas, não aceita passivamente os acontecimentos e está dentro dos acontecimentos, antecedendo-os, porque o poeta toma lugar àquela posição de vida e também de viver a palavra. Então eu vejo na poesia brasileira, longe dos ismos, com nomes em vários lugares e províncias desse país, nomes que muitas vezes não são alcançados pela mídia, mas que estão realizando um trabalho importante na poesia brasileira. Eu posso citar alguns, entre outros tantos, Marcus Accioly, Armindo Trevisan, Eduardo de Grasia, Marly de Oliveira...

O Brasil encontra, a sua paz através da palavra de seus escritores, porque o escritor é uma consciência através da palavra, a consciência de que nós estamos vivos, a consciência da nossa própria animalidade, porque até isso querem-nos arrancar: a consciência de que nós podemos pensar. Nós não conseguimos hoje nem pensar, pensam por nós. Então, a poesia se transformou, não apenas num meio de conhecimento, mas também num meio de transpor esse mundo que nos rodeia, porque nós não podemos aceitar passivamente as coisas.

Publiquei o meu 1° livro em 1960. Vou completar em julho agora, no ano vindouro, 30 anos de poesia, e tenho podido testemunhar o poder da palavra. A minha geração, como eu, acreditou na palavra. A palavra é a nossa própria natureza. É o nosso ser. É a "casa do ser". Então nós temos que cada vez mais nos perceber e nos desvendar através da linguagem. Eu comecei a minha experiência como poeta épico, não a épica tradicional, com características demarcadas, que foram peculiaridades de Homero, Vigílio, Dante e outros grandes poetas. Nós buscamos uma épica fundada no nosso tempo. O tempo é tranformador e, ao mesmo tempo, personagem da nossa criação. O outro personagem, tão importante como o tempo, é aquele ser anônimo, João-ninguém do cotidiano, que para sobreviver num país como o nosso, sobreviver da fome, das opressões econômicas e políticas, conseguir sobreviver com o salário mínimo, com a inflação, é um verdadeiro herói do nosso tempo.

**Marize Castro — Já que você está falando em dor, Nejar, você falou que a sua geração acreditou na palavra num país "silencioso". Foi uma coisa dolorosa , essa crença na palavra num lugar onde a maioria das pessoas está emudecida?**

Carlos Nejar — Não. A crença na palavra é a crença no ser humano. Então, não é doloroso acreditar no ser humano, é uma alegria.

**Marize Castro — Mesmo num país onde o "silêncio" domina?**

Carlos Nejar — Mesmo num país em que o "silêncio" domina. E na época em que houve a ditadura eu fui um dos poucos poetas que se levantaram. Para testemunhar estão aí os meus livros "Canga", que é de 1971, "Poço do Calabouço", de 1974, "O Campeador e o Vento", de 1976, "Danações", de 1969. Eu sou um dos poucos que falaram da tortura que muitos sofreram neste país, em "A Dor Imposta", de 1973. Em "Árvore do Mundo" de 1976, eu falo dos executados, porque ao poeta cabe dar rosto e voz a esses seres anônimos, e sobretudo falar por aqueles que calaram. Nós poetas, nós não podemos calar, somos forjados pelo fogo. O nosso movimento é na história, para eternidade, e eu não separo esses dois elementos do homem. O homem história e o homem voltado para a eternidade. E aí entra uma grande experiência na minha vida,

uma experiência com Aquele que é a Palavra. A Palavra que gerou o céu e a terra, e que nós podemos ler no Apocalipse, que diz "Eu sou aquele que é a palavra". Então, à medida que eu caminhei com a palavra minúscula, eu andei em direção à Palavra Maiúscula. Porque o poeta tem o relâmpago da revelação. A palavra por si só nada é se não tem o espírito que sopra sobre ela. E o espírito biblicamente sopra onde quer. Ninguém consegue segurar o espírito quando ele sopra no coração do homem. É lógico que nós conhecemos perplexidades, é lógico que tem que se lutar contra a miséria, a fome, as opressões, as alienações do poder, tudo aquilo que tira a nossa consciência e dignidade. Mas nós estamos vivos e o poeta habita a aventura da linguagem.

**Marize Castro — É uma aventura muito perigosa? Quais são os perigos dessa aventura, Nejar?**

Carlos Nejar — É perigosa, sim. Eu sempre digo que aquele que não é poeta é frio laboratorista, ele simplesmente mexe as peças, ele não sofre riscos, é como se ele armasse um jogo. Mas o poeta tem que lutar com as palavras feras, tem que lutar com elas, como já dizia Drummond.

**Marize Castro — Tem que virar fera também...**

Carlos Nejar — Tem que virar fera e sofrer muitas vezes o choque com o cotidiano. Tem que ir sobrevivendo através de todas as agruras. Tem que ir tirando as máscaras que são postas sobre o outro. Tem que ir se desnudando através da palavra. Porque nós só podemos amar, como disse alguém, na desnudez total do corpo e da alma. É quando a luz nos alcança. Agora eu falo isso com uma ética, uma nova ética, mas é preciso trabalhar o poema, não basta a visão da dignidade da consciência, é preciso que essa consciência esteja formalmente dentro do poema, que ele resista ao tempo. O poema trabalha em nós, e quando nasce nós o trabalhamos. É uma dialética e não se sabe até em que medida o poema vai nos acompanhando ou nós vamos acompanhando o poema. Depois ele tem que andar como qualquer ser vivo. Nós não precisamos nem defendê-lo, porque se ele está vivo não precisa da nossa defesa. E se ele não estivesse vivo o que adiantava nós o defendermos?

Eu penso diferente de alguns que dizem que o poema é filho da criação. Eu acho que o poema é o pai do poeta e que nós vamos crescendo através do poema. O que o poema vê muitas vezes nós não vemos, o que ele sente muitas vezes nós não sentimos, porque ele toma uma proporção de consciência que muitas vezes é maior do que a nossa. Existe algo em nós que nos ultrapassa. Se eu te disser que é fogo, labareda, incêndio, não importa o nome, eu sei que é a sobrevivência do homem através da palavra, porque o espírito do homem não morre.

**O encanto que eu sinto na criação é que a criação nos apanha de repente, de surpresa, e nos leva para onde nós não percebemos.**

***

**Eu sou mais do que um autor de poemas. Eu sou um autor de livros.**

**Marize Castro — Como é que o poeta Nejar convive com a emoção?**

Carlos Nejar — Ah, eu sou um ser apaixonado, embora muito manso e muito calmo , mas há muitas coisas que me incendeiam. Eu sou um guerreiro. Sinto que as minhas fibras estão vivas. Eu não me enferrujei. Estou com 50 anos e conheço outra espécie de juventude, a juventude do amor. Embora eu sofra todas as perplexidades desse tempo, eu sou um homem imensamente feliz e apaixonado.

**Marize Castro — Nejar, você acha que o Brasil é um país amoroso, apesar de tão sofrido e tumultuado?**

Carlos Nejar — Interessante a tua pergunta. Eu nunca havia pensado nisso porque eu me sinto muito integrado ao meu país, nem dá tempo de pensar se ele é amoroso ou não. Eu sei e acredito no seu destino, ele é muito maior do que todas as crises. Eu não sou daqueles homens que são levados pelo pessimismo. Eu estou vendo não apenas o Brasil presente, mas o Brasil que está emergindo de todas as crises. Porque a crise é sempre parturição de alguma coisa nova, muito importante, de uma nova dimensão da realidade. E nisso eu tenho esperança.

**Marize Castro — Eu percebi que lágrimas vieram aos seus olhos quando você falou de amor, paixão, Brasil...**

Carlos Nejar — É isso aí...(N.E: O poeta fica emocionado e com lágrimas nos olhos sorri).

**Marize Castro — Nejar, qual o teu conceito de criação?**

Carlos Nejar — É algo que sempre nós não conhecemos totalmente, se nós conhecemos totalmente estamos nos repetindo. O encanto que eu sinto na criação é que a criação nos apanha de repente, de surpresa, e nos leva para onde nós não percebemos. Eu quando escrevo um livro vou escrevendo os poemas, os poemas vão me escrevendo, então, percebo que eles, poemas, formam uma comunidade que é o livro. A minha poesia tem necessidade de convívio. Eu sou mais do que um autor de poemas. Eu sou um autor de livros. Daí também a dificuldade que eu tive de fazer a Antologia. Porque os poemas juntados na Antologia revelaram apenas estilhaços do livro, que desenvolve sempre uma determinada premissa. Cada livro meu é o desenvolvimento de uma premissa sobre o homem no Universo, como um canto épico, lírico. Toda minha obra poderá se reunir num único livro, como um livro único e longo sobre essa experiência humana. Por exemplo, "O Campeador e o Vento" trata do espaço do homem. "O Livro do Tempo" é a invenção do tempo onde o homem vive. "Danações" é a condição humana diante do tribunal do mundo que, obviamente, é sempre condenado, como tragédia grega, enfrenta o seu próprio destino. Em "Ordenações" o mundo é todo refeito, reordenado, é uma espécie de inventário do existente. Em "Canga" há um personagem que é Jesual do Monte, o Jesus Popular, que nasce da morte depois de haver guerreado. "O Poço do Calabouço", é um inferno contemporâneo, a escravidão sobre o poder do Estado que impõe as suas leis. Então, cada poema meu está ligado a um determinado livro, por isso que digo que sou um dos poucos poetas brasileiros autor de livros. Quando os poemas são retirados do livro sentem uma imensa nostalgia da pátria maior, mais justa, de uma idade do futuro, de uma épica do futuro forjado por nós.

**Marize Castro — Você diz que a sua poesia é uma poesia de convívio, onde é que fica a solidão na sua poesia?**

Carlos Nejar — Eu conheci todos esses meandros da vida. Curti solidão. Vivi só muito tempo. Conheci os abismos da separação, da agonia, do amor, do desamor. É como se eu tivesse vivido muitas vidas, ou eu estivesse vivendo há séculos, tanto que o dia da minha morte vai ser o dia mais feliz da minha vida. E isso eu digo porque amo a vida. Porque vou poder ver face a face o Deus vivo em toda sua formosura. É isso que tanto tenho buscado na minha vida, através da palavra eu vou encontrar com todo esplendor e majestade, porque nós caminhamos para a Luz. Ninguém pode impedir que a Luz se manifeste. Por isso ela aparece tantas vezes na minha poesia, porque é a experiência da liberdade.

**Marize Castro — Carlos Nejar é um homem livre?**

Carlos Nejar — Quando eu comecei a escrever, a poesia ia na minha frente. Eu era ainda um rapaz, eu publiquei meu primeiro livro ainda muito novo, vinte e um anos eu tinha. Alguns hoje aconselham, "Só se publica poesia mais tarde, é preciso não ter pressa". Isso é uma grande conversa fiada. Nós temos a premonição do nosso próprio tempo. Há poetas que vão deixando o tempo fluir sobre os seus poemas, não publicam e perdem, como diria o Drummond, "o bonde e a esperança", porque perde o comboio do seu tempo. Isso não aconteceu comigo. Eu tive a consciência do momento exato. O momento em que a minha geração precisava testemunhar. Por isso, praticamente trinta anos depois eu me sinto muito alegre, porque eu me sinto muito vivo e muito livre. A liberdade não está apenas na palavra menor mas está no poder da Palavra Maior sobre a palavra menor.

**Marize Castro — Você parece ser um homem religioso, um homem religado com o seu tempo e com o seu íntimo.**

Carlos Nejar — Eu não tenho religião. Eu tenho uma experiência poderosa com o Deus vivo na minha existência. É outra coisa. Religião é quando o homem tenta se ligar com Deus através do ritual, mas a obra do espírito é quando ele nasce no coração do homem, não precisa mais de intermediação, porque nós já estamos na Eternidade.

**Marize Castro — O que significou a sua entrada para a Academia Brasileira de Letras? Ser imortal te fascina?**

Carlos Nejar — Eu não entrei na Academia Brasileira de Letras por entrar simplesmente. Nunca falei mal dela antes, sempre achei que a Academia é neutra, e o que importa são os valores que lá estão. Lá estão João Cabral, Ledo Ivo, Nélida

Piñon, Rachel de Queiroz, Adonias Filho, Eduardo Portella. Estiveram Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Cassiano Ricardo, isto é, muitos dos talentos criadores deste país. Eu penso que a Academia é um espaço cultural onde nós temos que firmar trincheira e guerrear.

**Marize Castro — Qual é tua verdade maior, Nejar?**

Carlos Nejar — Eu fui promotor de justiça no meu Estado, segui toda a carreira do Ministério Público, ocupei funções, cheguei a procurador de justiça, e quando completei meu tempo saí correndo, porque o que eu quero verdadeiramente é me entregar inteiro a criação literária. A minha função, que talvez seja até uma missão, uma vocação irresistível para a vida, é a poesia. Quando eu comecei a poesia ia na minha frente, depois a poesia e eu demos as mãos e ela ficou como minha companheira pela estrada. Hoje, eu não sei em que medida a poesia continua na minha frente, ou talvez eu já esteja na frente dela. Mas há o momento em que nós nos encontramos, é aquele momento em que a palavra nos alcança, e nós então podemos nos revelar através dela. Tenho aprendido com ela uma grande humildade. Sei a precariedade que é o ser humano, é uma coisa que eu conheço até o fundo, mas eu também sei o poder que o homem pode ter para alcançar a sua própria condição de grandeza. Então, quando eu falo sobre a condição humana, eu falo porque tenho sofrido até os ossos. Eu comecei como poeta épico quando entrei em contato com a justiça dos homens e comecei a me dar conta da misericórdia, que o amor é complemento de todas as coisas, e depois, em outro plano, a poesia começou a tomar conta da minha vida. Ela muitas vezes tem posto em mim sua vontade indeclinável. Eu me recordo quando eu lecionava no interior do Rio Grande, e me perguntavam quem era o tal de Carlos Nejar, eu dizia que era o meu primo-irmão, depois a poesia foi tomando conta das minhas coisas, dos meus ofícios, foi tomando conta do meu nome, e eu passei de Carlos Nejar para ser chamado apenas de Nejar, e acho que passarei o resto da minha vida sendo Nejar, assim como Rilke foi Rilke, Drummond foi Drummond, Valery foi Valery. Nós existimos com as nossas grandezas e limitações.

*Bico de pena de Iberê Camargo*

**Marize Castro — Nejar, Caetano Veloso, um outro belo poeta, disse certa vez, "a crítica que não toque na poesia". Vamos falar um pouco sobre a crítica literária.**

Carlos Nejar — Eu acho importante a crítica. A minha geração é uma geração eminentemente crítica, porque depois da existência de Drummond, Cassiano Ricardo, Murilo Mendes e João Cabral, nós temos que ser necessariamente críticos. O poeta traz junto com ele e segue uma determinada tradição literária, que é o caminho dos que o antecederam. É como se ele pegasse uma tocha numa maratona. Mas o poeta também é ruptura. É alguma coisa nova. É uma voz que nunca foi ouvida. É uma natureza que faz parte de todas as naturezas e, ao mesmo tempo, é completamente original. Porque é o sonho que dá a dimensão da palavra. Então, nós estamos ligados a critica. Eu sou muito crítico e tenho um livro de crítica que permanece inédito. Inclusive tenho feito resenhas críticas porque é necessário criar o espaço crítico. Quase não existem mais críticos neste país. Surgem livros importantíssimos e não são apreciados, até mesmo porque os próprios jornais culturais, literários, escasseiam, infelizmente. Eu nem falo na nova geração que não tem meios de publicar os seus livros, não tem nem auxílio nem possibilidade editorial, eu falo da minha geração que mal consegue transmitir o seu pensamento, por não haver mais nesse país quase nenhum lugar onde se manifestar. Isso é muito grave. Porque quando não se pode mais ouvir os seus poetas o país começa a sair da sua própria grandeza. Os poetas são aqueles que ainda conseguem ver através da névoa a direção do navio.

**Marize Castro — Nejar, o que você acha de Encontros como esse que nós estamos participando aqui em Goiânia, o III Encontro Nacional de Escritores?**

Carlos Nejar — Eu fiquei muito feliz em verificar aqui em Goiânia, essa inicativa maravilhosa da Secretaria de Cultura do Governo desse Estado e também da União Brasileira de Escritores, de Goiás. Iniciativa como essa deveria se estender por todo esse país. O povo lutou tanto por uma democratização para que também pudesse através dela alcançar a cultura, porém o que nós vemos é que, em regra, os governos são cegos e surdos a qualquer manifestação cultural. Eles têm verbas para todas as coisas, para as grandes negociatas, mas não têm verbas para a cultura.

**Marize Castro — O que você acha da síntese na literatura, na poesia?**

Carlos Nejar — A poesia é uma grande síntese. O poeta diz em algumas palavras o que os filósofos desenvolvem em tratados. Por isso que o poema é um instante relampenate da realidade. Eu penso que nesse sentido o poeta é levado pela intuição e tenta perceber as coisas até o cerne, porque ele é um ser antenado, e as coisas, antes dele percebê-las são elas que o percebem, são elas que o farejam.

**Marize Castro — Nejar, e o ritmo, qual a importância do ritmo na criação literária?**

Carlos Nejar — O ritmo é fundamental na criação contemporânea do verso. Cada poeta tem e mantem o seu ritmo. Eu vejo os livros como sinfonia em que os poemas são partes integrantes e variam conforme a melodia. Eu queria quando guri, quando rapaz, ser compositor clássico, eu não consegui, mas eu consegui fazer as palavras cantarem aquilo que eu não posso. Então elas são uma música nova que se podem misturar à música das esferas e dos espaços infinitos. É a música do novo tempo que nós embalamos nos corações. Eu não separo a música da poesia, como eu não separo a poesia do sentido. Não há grande poesia, como disse alguém, sem uma visão do mundo. Nós estamos comprometidos com a realidade. Profundamente comprometidos com o nosso tempo. Estamos comprometidos com a vida. Por isso é que a poesia nos reconhece, por que existe um amor recíproco entre nós e ela.

**Marize Castro — Como você acha que anda a "sensibilidade" e o interesse dos editores brasileiros pela poesia?**

Carlos Nejar — Eu penso que a poesia quando é trabalhada comercialmente, quando é distribuida, quando é amada pelo livreiro, ela vende tanto ou mais do que qualquer livro de ficção, porque o público de poesia é um público fiel e busca nas suas leituras um desvendamento da realidade. Afinal, são os leitores que criam os seus poetas.

**Marize Castro (RN)** é poeta, jornalista, autora do livro de poemas **Marrons Crepons Marfins**. Editora do jornal **O Galo.**

# Poemas inéditos de Carlos Nejar

## ATÉ O FIM (OU A NAÇÃO PAROU NO TRILHO)

Ponho chão na minha mão.
E chãos de pássaros na fala.

Que nomeada pode dar
a viração do meu corpo?
Venho de muito dentro.
Não posso mudar de alma.

O som das coisas me sonda.
Não desminto os velhos fôlegos.
Jamais deixei o menino
apodrecer na maré de um gatilho.

Atiro.

2.

Que nação parou no trilho,
ou agonizou de repente?
As leis inertes, sem nexo,
jorram mortos e serpentes.

Podre o tempo, podre e denso.
Podre é o poder sem vertente.
O silêncio rói os corpos.
E os corpos, a alma dentro.

3.

Apertamos o gatilho
salarial da noite afoita.
A cara nos amedronta
e a cápsula da bala
solta
esta fumaça
da fome.

Que país perdeu
o riso, sua cicatriz
de infância, perdeu
a casa, perdeu a fama,
a fortuna em jogo?

Perdeu a gana
de lutar. Perde
a batalha
antes de haver
batalha?

Que país é apenas casca
de maçã jogada fora?

4.

Reconhecia este povo
nos cumprimentos, afagos.
Em desfilar pomposo
com divisas e medalhas.

Ou mesmo, calado, ouvia
segredar as fidalguias.
E caminhar sobre os mapas
com seus sapatos de dálias.

As palavras eram pêssegos
que mordia. Na semente
vivendo aprendia onde
o tempo era plúmeo, verde.

5.

Quem pode, agora, chorar?
O capital já não chora.
O medo é só medo
seco, preservado.

A morte não tem parentes.
A fome, uma redoma
com outras pequenas, fêmeas.
O dólar é azenha e roda
na moeda, na gangorra.
Entorpecem as idéias
e não há como pegá-las.

A dor chegou à cabeça.
E a inteligência é ruga
monetária na garganta.
Uma ruga sobre os olhos
e as sobrancelhas pombas.

6.

O que eleger ao peso
desta dor?
É estrangeiro o momento.

A quem elegeremos,
súditos das constelações?
Mas venho, venho de dentro.
Até o fim.

João Leite

## A CASA DOS NOMES

Onde a casa amarela?
Foi ruindo.

E a infância era
outra infância.

Meu pai, não há
distância
e os nomes pela casa
se dispersam.

A demolida casa.

Ia ruindo
com o rugir dos anos,
o ruído rancoroso
dos canos,
o ruído plangente
do sótão
e dos nomes.

A mãe Mafalda dorme.
Em Lisboa eu morava.
E se foi. Não pude.
Não nos despedimos.

Na casa, ela subia
e vacilava o corrimão.
A madeira puída.
Que dor, a eternidade?

Onde o Paulo, o Sadi?
Estão correndo correndo
e era o pátio
com os curvos pessegueiros.

E a Maria do Carmo,
com a Cristina, a Graça,
a Rosa sobre o
peitoril das dormentes
janelas verdes verdes.

Buscamos alguma flor
ainda, um muro de vento
palpitante, a usura do tempo,
a cinza, a cinza.
Coração febril
da infância.

Os avós, Georgina
e Antônio Miguel estão deitados?
Suas fotografias vão
descolorindo.
A lonjura dos olhos
e das roupas.

As laranjas caladas
junto ao sangue.

A casa calada,
murcha. As malas.
As folhas
na alma.

A porta fechada.
E o soluço atrás
como um garoto
mudo. Mudo.

Pode o coração
chorar mais forte
do que a chuva?

Os nomes escorrendo.
A goteira rilhava.

Era imensa e molhada
de escuridão,
a lua.

Que distância, pai,
entre a casa e a rua,
se foi desmoronada?

Pode o coração,
correr com a lua
e sair aos tropeções
da morte?

Mas a casa ruiu
em toda a parte.
Coração febril
da infância.

# Meninos, eu vi e ouvi no III Encontro de Escritores em Goiânia

Tarcísio Gurgel

Da esquerda p/direita: Cláudio Willer, Coelho Vaz, Carlos Nejar, José J. Veiga, Luiz Busatto e Tarcísio Gurgel.

O avião decola com o atraso habitual (continuamos aquele misto de dorme nenê que a cuca vem pegar e equações, de que falava Oswald) e aos poucos, joga-dali, acomoda-se sobre as nuvens, como se imóvel estivesse. Sigo encolhido numa poltrona qualquer, com destino ao **III Encontro Nacional de Escritores em Goiás — Centenário de Cora Coralina.** Bicho da terra tão pequeno, teria preferido ir de ônibus, olhando a paisagem, exercitando as idéias sobre as quais deverei falar. Não tendo sido possível eis-me, decorridas dez horas desde que saímos de Natal, no aeroporto de Goiânia. Meu próximo pouso será o hotel, um cinco estrelas na terra, capaz de ouriçar repórter de página de turismo e com uma singularidade: deve pertencer a algum parente próximo da editora deste jornal, já que se chama Castro's Palace Hotel. Bom cabrito não pergunto ao motorista se erramos de endereço (além do que já conhecia de sobra a generosidade goiana de Coelho Vaz, José Teles e de Gilberto Mendonça Teles, que será, aliás, o grande ausente do encontro). Dirijo-me à recepção após atravessar um mar de cumprimentos, quepes, alamares e confirmo minha privilegiada situação em solo goiano. Informo-me durante o café da manhã com os brasilienses José Carlos Taveira e Salomão de Souza sobre a noite de abertura e fico sabendo de sua beleza (a presença marcante do poeta/Secretário de Cultura Kleber Adorno, de Maria — poesia — Abadia — a Secretária/Adjunta e da conferência de Oswaldino Marques). E nos dirigimos todos ao ônibus que nos levará ao Centro Cultural Martin Cererê, um curioso conjunto arquitetônico surgido a partir da adaptação de duas enormes caixas d'água construídas lado a lado no rés-do-chão e que, após terem sido desativadas transformaram-se, segundo reza a crônica da cidade, em local preferido da mais pesada marginália do Brasil Central. Agora mudadas em dois excelentes auditórios, acolhem as mais expressivas manifestações culturais da capital goiana.

**No primeiro dia**

Iniciando a rotina de exposição e debates, encaramos o primeiro Painel, que trata de "Narrativa Brasileira Contemporânea". O expositor, romancista Sérgio Sant'Anna baliza a sua fala com os nomes de dois monstros sagrados que ainda hoje fazem a cabeça do candidato a escritor no Brasil: Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Intimismo, epicidade rosiana, repressão e uso de metáforas para burlá-la e mesmo pós-modernismo serão assuntos tocados por quase todos os participantes da mesa, da qual também participam Luis Vilela e Caio Fernando Abreu, entre outros. Abreu fará uma espécie de inventário de nomes importantes normalmente pouco cortejados pelo **marketing** editorial e pelo charme da **mídia** eletrônica. Curiosamente intervenção mais instigante partida da platéia (ainda um pouco morna, nessa altura) é do poeta Carlos Nejar, cobrando uma maior profundidade no texto da narrativa brasileira moderna.

No segundo painel trata-se do tema "A Paisagem na Literatura Brasileira". Na concepção da maioria dos seus integrantes há tal qual ocorre na região amazônica, um gradativo desaparecimento, desta espécie de co-protagonista quase sempre presente no texto da cultura brasileira. À mesa, uma figura legendária da literatura goiana: Bernardo Elis. Distribuindo boas doses de humildade e lucidez, torna-se o centro das atenções — e nem poderia ser de outra forma — sua obra, que inclui alguns dos textos mais bonitos de nossa literatura, é uma perfeita simbiose entre o verde estonteante da região e o seu elemento humano, presa de uma espécie de fatalismo telúrico. Sem se deter sobre o tema o escritor paulista Deonísio Silva, com sua postura irreverente acabou dando uma saudável nota de bom humor ao encontro, contribuindo de modo decisivo para o tom algo informal que caracterizaria o III Encontro.

Mas este bom humor por pouco não desapareceu quando da realização do painel intitulado "Intertextualidade ou Plágio?" Tendo como expositor o capixaba Luis Busatto (autor de **Montagem em Invenção de Orfeu** vêm à baila assuntos como o uso da paráfrase, da alusão, da montagem, da paródia, a partir de enfoque teórico que lhes dá Júlia Kristeva e, de certo modo Mikhail Bakhtin no seu estudo sobre Dostoiewski. Uma espécie de **frisson** instalou-se na platéia, especialmente quando o poeta Brasigois Felício, competente e amado pelos goianos, fez uma intervenção indignada a propósito do plágio de poemas seus. A temperatura esquenta. Ézio Pires, escritor do Distrito Federal chega a afirmar que o poeta João Cabral de Melo Neto teria copiado um cordel espanhol, hoje incorporado à sua (de Cabral) importante obra. Nem mesmo a paródia que José Carlos Tavieira declama romanticamente, tendo como modelo o famoso "Se eu morresse amanhã", de Álvares de Azevedo — muito apreciada, aliás, pela dileta assistência — contribuiu para que os ânimos serenassem. Mas, à noite, tudo se diluiu no clima de festa e na nova demonstração de como eles, os goianos, estão valorizando o trabalho intelectual: sete títulos de escritores locais são lançados. Nada mais oportuno, dirá alguém, dado o espírito do Encontro. Ocorre que são prêmios anuais, patrocinados pela Administração Estadual e contando com o apoio integral da UBE local e também da Academia Goiana de Letras. Os autores são festejados e, pelo menos agora, não se fala mais em intertextualidade.

**No segundo dia**

As atividades do dia seguinte se iniciam já com a presença vibrátil de Marize Castro, que circula com naturalidade entre muitos escritores que, ao saberem que eu viera de Natal, me perguntavam no dia anterior sobre o jornal e sua editora. Por uma dessas coincidências, é de editoração (não de Jornal, mas de livros) que se falará no primeiro painel do dia. O expositor central será Caio Graco Prado, da Brasiliense. Também está presente Jiro Takahashi, principal responsável pelo ótimo conjunto de livros de ficcionistas novos lançados pela Ática nos anos Sententa. O painel promete. Mas é decepcionante. A maioria dos editores o que faz é lamuriar-se. Apenas uns poucos pontos importantes são levantados, entre eles a inevitável crítica à distribuição. Pedro Américo, escritor e sebista, do Recife, com a autoridade de ex-professor de 2º grau, critica à máfia do livro didático. E Charles Kieffer de Porto Alegre, faz um relato animador sobre a experiência gaúcha de valorização do escritor local, que oferece como resultado, após uma década de trabalho sistemático, um mercado editorial forte.

No V painel, que tem como tema "Os Caminhos da Poesia", Carlos Nejar bate forte ao tratar da vanguarda poética visual. O conteúdo mais que o continente deduz-se de sua exposição, e, claro, jamais o contigente. A moçada se agita. Na mesa, figuras polêmicas como o goiano Reynaldo Jardim, que viveu intensamente o período do concretismo, discordam frontalmente de Nejar, Instaura-se um princípio de caos, reordenado por Busatto. Jardim decide fazer uma coisa qualquer e faz. Lança ali mesmo — literalmente — exemplares de um livro seu. Cláudio Willer, paulista, prova que é bom mineiro e tudo fica resolvido. Estamos atrasados e ainda tem outro painel.

Um toque sutilmente malicioso caracteriza-se o depoimento de Veiga, fechando o Painel de encerramento "O Escritor e suas Sombras", antecedido por uma brilhante exposição de Helena Parente Cunha e depoimentos de outros escritores, entre os quais o excelente (também goiano) Miguel Jorge. Veiga atualiza um texto de Borges que fala de um ser irracional e suas características. A paródia que fala do escritor, provoca enormes gargalhadas.

Terminada a intervenção de Veiga, o incasável Coelho Vaz anuncia que um grupo de escritores está redigindo a Carta do III Encontro (veja em outro local desse número). À noite, ainda temos fôlego para assistir ao (ótimo) espetáculo "Cabaré Goiano", de cuja tônica é o bom humor, a irreverência.

Desconfio que a cultura brasileira está perdendo a sisudez. Digo melhor: depois de Goiânia, o exercício de refletir minha condição de escritor tornou-se menos penoso.

**Tarcísio Gurgel (RN)** é escritor. Autor dos livros **Os de Macatuba,** e **Pai Filho e Espírito da Coisa.**

# CARTA DO III ENCONTRO NACIONAL DOS ESCRITORES

No encerramento do III Encontro Nacional de Escritores em Goiás, realizado no Centro Cultural Martin Cererê, em Goiânia, de 28 a 30 de setembro de 1989, seus participantes vêm a público para declarar que:

1 — Reunindo 175 escritores, inclusive um significativo elenco de convidados dos demais estados, representando a produção literária contemporânea do Brasil, o Encontro atesta a operosidade e a legitimidade da União Brasileira de Escritores de Goiás, que levou a bom termo uma tarefa condizente com sua condição de entidade representativa;

2 — Na mesma medida, deve ser publicamente reconhecido o valioso e efetivo apoio da Secretaria de Estado da Cultura de Goiás, que patrocinou o conclave e o sediou em suas instalações, tornando-o possível;

3 — A atuação da Secretaria de Estado da Cultura de Goiás deve ser avaliada no contexto da questão maior da democracia e da relação entre Estado e Sociedade Civil, como indício de avanço democrático: no lugar de um Estado que marginalizava, e até mesmo censurava e perseguia escritores, vê-se agora um Estado que os acolhe e que se oferece como instrumento para a difusão de suas obras, dando assim um exemplo a ser seguido por outros órgãos culturais públicos, dos demais estados, bem como do governo federal e dos municípios;

4 — Durante os três dias de duração do Encontro, em seis mesas debatedoras, foram recolhidos depoimentos e postas questões referentes à ficção, à poesia, à criação literária e ao mercado editorial, sempre evidenciando a diversidade e riqueza da produção literária contemporânea no Brasil, destacando-se, mais uma vez, a relação necessariamente dialética, entre tradição e ruptura;

5 — Tudo isso teve como principal resultado um produtivo diálogo, beneficiando os criadores presentes, pela permuta de experiências e conhecimento, consolidando a certeza de que o ofício de escrever se depura no contato com a vida;

6 — Dentro da pluralidade de idéias e opções estéticas, vislumbra-se também um pensamento convergente, um denominador comum ético, fundado no pressuposto de que ao escritor cabe a tarefa de desenvolver a consciência da nossa realidade, fazendo com que esta se mantendo acesa através da palavra e denunciando toda massificação supressora da consciência crítica;

7 — Desempenhando essa função crítica, os escritores estão particularmente atentos ao crescimento de monopólios das indústrias da comunicação, lazer e cultura, inclusive no setor editorial, resultando na banalização, na invasão indiscriminada de uma produção literária estrangeira de baixo repertório, configurando um quadro de colonialismo cultural, impedindo o movimento da consciência crítica e prejudicando a pluralidade;

8 — Faz parte do compromisso do escritor com sua realidade, diante disso, a busca da ampliação do mercado para seus livros, dentro de uma visão de qualidade, de elevação e atualização do repertório cultural, evidenciando-se a necessidade de que o escritor seja apoiado, nessa tarefa;

9 — É necessária, para tal, a consolidação de uma relação fraterna de cooperação entre as linhas mestras do mercado editorial: os editores, distribuidores, livreiros e, em primeira instância, os próprios autores, em uma coexistência fundada na busca do crescimento com reciprocidade e, principalmente, no respeito ao escritor na relação autoral;

10 — É obstáculo a esse movimento a redução qualitativa e quantitativa da crítica na imprensa, impedindo que ela desempenhe sua função, de instância ampliadora da visão do texto e formadora do gosto, bem como de lugar de discussão dos temas culturalmente relevantes; isso, além da perda de espaço para publicação de inéditos, em particular, e de textos de criação em geral, na imprensa;

11 — Há consenso de que a ampliação do mercado editorial, não só na escala quantitativa, porém, principalmente, qualitativa, passa por uma reforma do ensino, devolvendo-lhe a dimensão humanística retirada durante o período mais agudo do arbítrio;

12 — Foram relatadas e discutidas experiências positivas nas políticas públicas do livro através de iniciativas de governos estaduais e Universidades, esperando-se que tenham continuidade e que consigam vencer a barreira da má distribuição e da insuficiência de livrarias no Brasil;

13 — O principal, como resultado desse encontro, será sua continuidade e seu desdobramento, em iniciativas análogas, esperando-se que o exemplo seja seguido pelos demais estados da federação, por entidades representativas e pelos órgãos culturais públicos neles sediados, pois é sua responsabilidade trabalhar em defesa de uma identidade nacional e cultural, que vige através dos escritores, no cumprimento de seu desígno como agentes da defesa da liberdade.

Goiânia, 30 de setembro de 1989,

A Comissão de Redação:
Claudio Willer (Coordenador)
Carlos Nejar
Deonísio da Silva
Miguel Jorge

# LIVROS E AUTORES

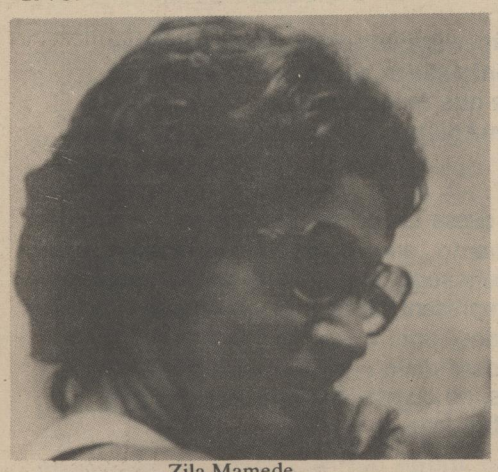
*Jaime Hipólito Dantas*

## CONTOS

Francisco Sobreira está de livro novo no mercado. Chama-se "O Tempo Está Dentro de Nós" e as estórias que reúne são da melhor lavra. E não é nenhuma novidade. Sobreira, contista, tem-se sujeitado como escritor de contos a um aprendizado incessante, com resultados, sempre, crescentemente positivos. É um escritor muito sério e extremamente consciente do seu ofício. É digno de nota que os seus contos, de estrutura clássica quase sempre, nos pareçam, quando os lemos, peças irrecusavelmente modernas. Mas não há nenhum mistério nisso. O segredo está na linguagem, inequivocamente atual, com que são construídos. O contista Francisco Sobreira tem a convicção de que ser moderno é preciso. Aí não carece de mais nada.

## HEIDEGGER

Martin Heidegger, cujo centenário de nascimento se deu no último setembro, 26, era alemão, nascido em Messkirch, na Floresta Negra. Estudou a fundo a filosofia grega anterior a Sócrates, a metafísica e os mistérios da alma. Ficou conhecido como o filósofo do "ser". Foi aluno de Husserl e mais tarde seu substituto na Universidade de Freiburgo. Nunca explicou suficientemente o apoio que deu a Hitler e ao nazismo, chegando ao cúmulo de não dar um pio face à degradação de que foi vítima a maioria dos acadêmicos judeus. Só que isso não o impediu de ser amado pela filósofa judia Annah Arendt. Martin Heidegger, pouco citado e menos ainda lido no Brasil, tem aqui ao menos uma de suas obras traduzida. É "O Ser e o Tempo", publicado pela Vozes. Chatérrima, quase indigerível. Heidegger morreu aos 86 anos, em 1976.



Zila Mamede

## ANTOLOGIA

"Nem descubro mais caminhos,
já nem sei também remar:
morreram meus marinheiros,
minha alma, deixei no mar".

ZILA MAMEDE ("Navegos")

Gertrude Stein

## "OS ESCRITORES"

De Dorothy Parker: "Ninguém no mundo escreve pior do que é capaz". O recém-finado Georges Simenon, criador do inspetor Maigret, não precisava mais que 11 dias para compor um romance descrevendo as aventuras do seu herói. Embasbacado, o conde Keyserling chamava-o de "imbécile de génie". Sobre a importância da espontaneidade na literatura, há a advertência de Pound: "Qualquer idiota pode ser espontâneo". E de Céline, num instante de desencanto com a arte do romance, que tentou inovar: "Os romances são um pouco como renda... uma arte que desapareceu com os conventos. Os romances não podem competir com os carros, o cinema, a televisão, a bebida". O irreverente Evelyn Waugh, leitura atual (e obsessiva) do poeta Luís Carlos Guimarães, não tinha qualquer simpatia pelos experimentos lingüísticos. Sobre o caso de Joyce, dispara: "Começou escrevendo muito bem, depois foi enlouquecendo de vaidade. Terminou lunático". E a propósito de Dickens: "Ele gostava de bajulação e gostava de se exibir". Finalmente, sobre a pecha de reacionário que lhe atiravam os inimigos: "Um artista tem que ser reacionário". Impressão de John Dos Passos sobre Gertrude Stein, a quem fora apresentado por Hemingway: "Um Buda sentado, a nos observar". O romancista americano Gore Vidal explica porque os críticos o têm preferido como ensaísta: "Meus romances são tão bons quanto meus ensaios. Infelizmente, para descobrir se um romance é bom ou mau, é preciso lê-lo, e isso não é fácil fazer hoje em dia. Os ensaios, por outro lado, são curtos, e as pessoas os lêem". Isso tudo, aí, são pérolas tiradas do volume "Os Escritores — As Históricas Entrevistas da Paris Review". São 17 os entrevistados, e aí se incluem, ainda, T. S. Eliot, Saul Bellow, Jorge Luís Borges, Isaac Bashevis Singer e outros. Como a sul-africana Nadine Gordimer, para quem a ficção latino-americana é a "mais excitante que está sendo escrita no mundo hoje em dia". O livro é uma edição da Companhia das Letras (São Paulo, 1988, 327 páginas). São entrevistas, para dizer pouco, geniais. Escolhidas a dedo.

## CASTRICIANO

A Fundação José Augusto republica o livro "Mãe" (poesias), de Henrique Castriciano. Vem enriquecido com uma nota prévia de Manoel Rodrigues de Melo, mais um prefácio, babaquíssimo, que para a primeira edição escreveu Olavo Bilac. Não diz nada sobre os versos do vate potiguar. Bem, pode não ter gostado deles. Com razão? Quem sabe, sim. Lidos hoje, são versos só um pouco mais do que ingênuos. Mesmo assim, escreve Manoel Rodrigues, "da geração de 1874, o poeta que mais se destacou, no Rio Grande do Norte, foi Henrique Castriciano".

Diógenes da Cunha Lima: "**Menina** é a palavra mais bela da língua portuguesa"

## GALERIA — IV

DIÓGENES DA CUNHA LIMA (Nova Cruz-RN, 1937). Poeta ("Instrumento Dúctil", "Natal, Poemas e Canções", "Tendress", "Lua Quatro Vezes Sol"), ensaísta ("Câmara Cascudo, Um Brasileiro Feliz", "O Homem Que Pintava Cavalos Azuis"), acadêmico. Projetos literários: biografias de Dinarte Mariz, Onofre Lopes e de Seabra Fagundes. A literatura potiguar tem futuro? Resposta: "Só tem futuro quem tem passado: tem". Maneira preferida de ocupar as horas vagas: "Leio. Ou ouço música". Clássica ou moderna? "Tudo". Confessa que a coisa de que tem mais medo é de não realizar aquilo planejado. Medo de morrer, não. Nome de um grande poeta brasileiro, Carlos Drummond de Andrade. Outro, Murilo Mendes. Um prosador, João Guimarães Rosa. Quanto a um grande autor estrangeiro, vivo, cita Pablo Antônio Quadras. Acha MENINA a palavra mais bela da língua portuguesa. A mais feia, CREPÚSCULO. Diógenes da Cunha Lima é o atual presidente (perpétuo?) da Academia Norte-Riograndense de Letras.

# Cartas dos leitores

### LITERATURA INFANTIL

Recebo periodicamente o jornal "O GALO" e quero parabenizá-los pelo excelente trabalho que vocês vêm realizando. Felicito também à Anchieta Fernandes pela belíssima matéria "Dois Temas para o Leitor Mirim", publicada no nº 17. Matérias como essa devem ser repetidas ou ampliadas para que possamos nos orgulhar em divulgar esses escritores norte-riograndenses.

Deixo aqui uma sugestão aos competentes colaboradores de "O GALO": uma matéria sobre o primeiro jornal do Rio Grande do Norte que, se não me engano, foi editado por Augusto Cesar Leite, bem como outras matérias com personalidades ilustres desse Estado.

Desejo um sucesso cada vez maior.

**Maria Amélia Modesto**
**Rio de Janeiro — RJ**

### REMEXENDO POEIRA

Marize Castro. Muito Prezada. Gratíssimo pela lembrança deste obsessivo rabiscador de papéis e, sobretudo, de NICOLAU — dois anos na bela edição de nosso bravo "O GALO" — remexendo a poeira desses Nordestes.

**Wilson Bueno**
**Editor do Jornal NICOLAU**
**Curitiba — PR**

### SERIEDADE E CARINHO

Fico surpreso toda vez que chego em casa e encontro "O GALO". É impressionante a perseverança de vocês em um momento onde o espaço para a Literatura a cada dia que passa fica mais restrito. O nível do jornal vem crescendo substancialmente e o responsável pela distribuição está de parabéns. Quero agradecer em nome de todos os poetas daqui de Sergipe pela seriedade e carinho com que vocês vêm tratando nossa arte, nossa cultura. E no mais, é torcer para que sempre nos chegue essa preciosidade que é O GALO, aí do Rio Grande do Norte. Hoje, de todos nós.

**Araripe Coutinho**
**Poeta e contista**
**Aracaju — SE**

### CULTO À POESIA

Recebi os números 17 e 18 — Julho e Agosto — de "O GALO" jornal cultural da Fundação José Augusto.

Parabéns. As casas brancas de Natal já não escondiam que um rubro coração — esse músculo esfo çado — batia por ali, bem forte.

O culto à poesia é o culto à liberdade.

Foi uma surpresa o nível da publicação. Parabéns.

A vida me deu ensejo de conviver, muito moço, com o velho e inteligentíssimo Senador José Augusto.

Quem não sabe das histórias desse grande brasileiro, de sua finura de espírito, de sua extrema habilidade política e memória prodigiosa?

"— Meu filho, como vai o seu pai?

— Meu pai, Senador José Augusto, como o senhor pergunta por ele, se o senhor foi ao enterro e até pegou nas alças do caixão?

— Morreu, disse você. Morreu para você, filho ingrato, mas pra mim, ele continua bem vivo na memória e no coração!

Só o Alkimim no mundo da política de então, esse mineiro repentista e dominador de situações difícieis — era tão inteligente e veloz como o velho José Augusto.

Aproveito a oportunidade para fazer chegar às suas mãos e aos companheiros de Letras de Natal o livro **Dizer,** impresso pela Paz e Terra. A ele, vai seguir **Viver.**

São notas distantes, destiladas pelo tempo, no filtro permanente do exercício de existir.

Cordial abraço.

**Júlio Cesar do Prado Leite**
**Poeta e Advogado**
**São Paulo — SP**

### ESQUINA DO BRASIL

Num sentido inteiro soube da existência de O GALO, que me chega atrasado, mas completo. Excelente trabalho desenvolvido em Natal: um marco e um canto mágico, iconoclasta, da esquina do Brasil.

**Ayrton Santa Ágatha**
**Poeta**
**Teresina — Piauí**

### JOÃO MARCELINO ESCREVE

Querida Marize, O GALO 19 "é doce". Um jornal que nos é apresentado com "As Janelas da Alma", de Alípio Raposo, e nos diz até logo com a mulher mais linda do mundo — a divina Cora. O que há de se dizer desse jornal? Sou todo emoção agora. Maria Bethânia e Jeanne Moreau me falam o poema "Dos Olhos da Amada", de Vinícius de Morais, traduzido para o Francês. Moreau dizendo: "Oh ma bien aimee, quels yeux tes yeux", com sua voz quente me deixa mais próxima de vocês. Marize, Moreau e eu. Quanto mistério. Sua poesia, Marize, me deixa tonto e feliz. Muito feliz. Assim como seu colo visto por Flavinho (Flávio Américo Novaes). A diagramação me deixa excitado, muito curioso em vê-la completa explodindo na página 09. O GALO 19 é um luxo. Ler a entrevista de Marcos Bulhões me transporta ao último Chateau Duvalier que bebemos, é inegavelmente deslumbrante reencontrá-lo estático ali, na fotografia, com o seu Galoudec. Novenil, Eli Celso, Racine Santos... O jornal é um feiticeiro. Como você consegue segurá-lo? **Natal é feliz em ter O GALO.** Eu sou feliz em ter sua amizade, além de sua poesia. Eu gostaria de escrever bem e ser poeta. Poderia assim lhe fazer um poema. Mas deixe estar. Quando a miséria deixar de existir, seremos felizes por completo. Tomaremos vinho na Pedra do Rosário enquanto o sol mergulha atrás dos mangues, cantarei Summertime pra você dormir.

Meu anjo, não me esqueça. Estou lhe devendo uma capa com o Alípio Fotografando. Não lhe esquecerei. Nem mesmo do veludo negro dos seus cabelos. Deixe-os crescerem! Tudo hoje para mim é importante e significativo. Até mesmo o salto de seu sapato.

O mágico nunca passou na minha rua. No dia que passar, talvez eu esteja dormindo.

**João Marcelino**
**Maquiador, Cantor, Ator**
**da Stabanada Cia de Repertório**
**Natal — RN**

### ESCURIDÃO E CANTO

Faz escuro, mas O GALO canta.

**Dailor Varela**
**Poeta**
**São José dos Campos/SP**

### DIFUSÃO CULTURAL

Foi com muita satisfação que recebi os exemplares de "O GALO", relativos a julho e agosto últimos, jornal que, infelizmente, ainda não conhecia.

"O GALO" é, sem nenhum favor, um dos excelentes veículos de difusão cultural que se editou em terras brasileiras, crescendo em importância pelo fato de ser editado num Estado nordestino, com poucos recursos financeiros, onde a cultura, na maioria das vezes, é sobreposta em suposto plano nas realizações.

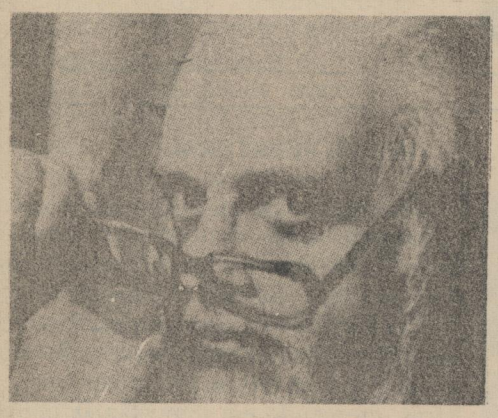
**A. Isaías Ramires**
**Poeta**

### SINCERIDADE

Foi brabeza louca, cruel e sem caráter, a brabeza verde-olivatorturante democrática que se abateu sobre os poetas em 64. Cheio de versos malfeitos e lamúrias alienantes, temo, às vezes, que os verdadeiros poetas se afogaram no mar da médio-acre-idade que é esta dos que vão votar este ano pela primeira vez. Felizmente para benefício da minha alma, existem publicações como O GALO que publica poemas e textos que, aparentemente desremendados no contexto, transmitem uma imensa sinceridade. Sincera idade que não sinto na maioria das arrogantes publicações pós-modernas das grandes capitais. Talvez seja através de cadernos como O GALO que se possa começar o mapeamento poético do Brasil, tão rudemente interrompido em 64. Aqui na **Fundação Rio** estamos desenvolvendo um projeto chamado **Antologia da Nova Poesia Brasileira** que pretende selecionar (e apresentar uns aos outros e a todo país que um dia será nação) os melhores poetas do Brasil nascidos depois de 1945. Depois da geração de 22 e de 45, a geração 70. À frente deste trabalho estão dois bons poetas do Ceará que trabalham comigo: Natalício Barroso Filho e Carlos Emílio Correa Lima. Eles vão entrar em contato contigo, logo. Precisamos muito da tua ajuda. Teu admirador pré-antigo.

**Fausto Wolff**
**Diretor Executivo da Fundação Rio**
**Rio de Janeiro — RJ**

# AL NTAOGALOCONTAOGALO



Haroldo de Campos: trazendo à tona
**o caso gregório de mattos.**

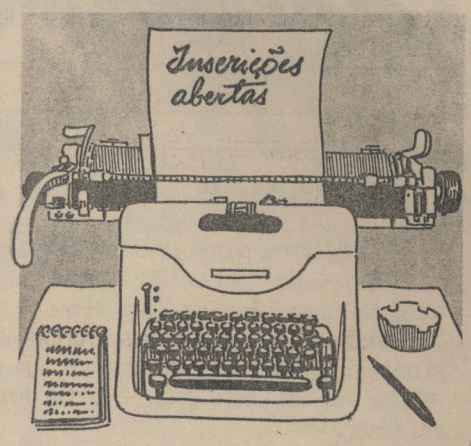
## HAROLDO DE CAMPOS, O BARROCO E GREGÓRIO DE MATTOS

E Haroldo de Campos, o incansável poeta, ensaísta e crítico, fundador da Poesia Concreta, erudito tradutor de poemas do russo, grego, chinês etc.—acaba de publicar mais um livro. Trata-se de "o sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso de Gregório de Mattos", saído pela Coleção Casa de Palavras, da Fundação Casa de Jorge Amado, de Salvador, Bahia, com o apoio cultural da Fundação Banco do Brasil. Neste ensaio, elaborado a partir das notas de preleção de cursos semiólogicos sobre o modelo barroco e sua produtividade na poesia brasileira, Haroldo procura "fazer uma leitura ao revés do modelo preferencial de engendramento da história literária brasileira, marcado, mesmo contemporaneamente, pelo paradigma oitocentista da representação da 'essência de uma entidade nacional à busca de si mesma' (literatura vista como 'encarnação do espírito nacional')". Sob esta perspectiva — segundo as colocações de Haroldo — é de se notar a obscuridade em que permaneceu Gregório de Mattos no contexto literário brasileiro: Gregório, o "inexistente", é uma ausência que se carrega pervasivamente de "presença", que deixa rastros, por mais que se intente rasurá-la; Machado, nacional por não ser nacional ("um brasileiro em regra", só que "a cata do extravagante", abusivamente assaltado pelo "demônio da imitação de ingleses e alemães", no retrato pretensamente objetivo que lhe fez em 1897 o truculento Sílvio Romero), é uma "presença" que se ausenta, evasivamente, sempre que se pretenda "entificá-la".

Ao desconstruir o modelo da literatura como "encarnação do espírito nacional" Haroldo propõe, no mesmo passo, o resgate do Barroco, produção textual voltada para a tematização das funções poéticas e metalínguística da linguagem. O Barroco, arte do lúdico e do proliferante, responde à **questão da orígem** com uma **questão da vertígem:** a origem enquanto **Ursprung,** na concepção de W. Benjamin, enquanto salto vertiginoso. Gregório não é a origem da literatura brasileira, é a sua vertígem, como o viu Haroldo de Campos, este genial desconstelizador dos modelos repetitivos e estratificados do comportamento cultural brasileiro. De Gregório a Haroldo: poesia brasileira como nossa diferença, sem precisar de lentidões evolutivas.

## CADERNOS DE NATAL

Datada de agosto-outubro, saiu a revista "Cadernos de Natal", órgão da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal do Natal (gestão Iaperi Araújo). Modesta, mas muito bem estruturada, contando 60 páginas, a revista cultural da prefeitura natalense cumpre o seu papel, sob a orientação das editoras Rejane Cardoso e Sônia Padilha. É como diz o editorial: "Dentro do caráter fundamentalmente cultural-educativo, os CADERNOS registram alguns fatos históricos, através de artigos escritos por jornalistas, escritores e pesquisadores convidados, assim como aborda temas atuais ligados à cidade. Do movimento Futurista passando pela criação do rádio, à Belle Époque, ao futebol, parte da história de Natal é lembrada".




## PRÊMIO ELIAS SOUTO DE REPORTAGEM

De 1° de outubro a 30 de novembro, estarão abertas, na sede da Fundação José Augusto, à rua Jundaí, nº 641, tirol Natal-RN as inscrições para o Prêmio Elias Souto de Reportagem 1989. As matérias deverão versar, obrigatoriamente, sobre temas ligados a assuntos políticos, culturais, econômicos ou sociais da realidade potiguar, sendo consideradas não premiáveis as matérias que, mesmo publicadas em veículos locais, versem sobre pessoas ou assuntos que não interessem diretamente ao Estado. O regulamento pode ser encontrado no referido endereço da Fundação José Augusto.

A Stabanada Cia. de repertório em **A Missão.**

## STABANADA GANHA MAIS UM PRÊMIO

É redundância, mas temos que dizer: com a peça "A MISSÃO", de Heiner Muller, o grupo Stabanada Cia de Repertório, daqui de Natal, ganhou mais um prêmio. Ou melhor: cinco premiações (melhor espetáculo, melhor música original, melhor iluminação, melhor ator e melhor ator coadjuvante). Foi no 2° Festival Tropeiro de Teatro de Sorocaba, no Estado de São Paulo, promovido de 30 de setembro a 08 de outubro.

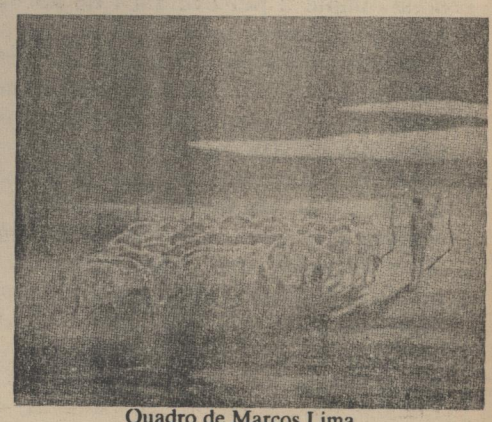
## ARTES PLÁSTICAS

1) De Natal: De 27 de outubro a 3 de novembro, realizando-se na Galeria de Arte do Novotel Ladeira do Sol a exposição do artista plástico Marcos Lima. Para Vicente Vitoriano, autor de um texto no folder publicitário da exposição — em Marcos "as paisagens, o campo, o homem, os animais em sua simplicidade existencial não são mostrados com a pieguice comum em certas obras tidas como 'sociais'. Dentro de sua pretensão de realismo, 'desatualizada' para muitos, Marcos é capaz de imprimir, no ato mesmo de pintar, uma visão mais contemporânea e menos rançosa".

2) De João Pessoa: Já saiu o nº 01 de Boletim da Comissão Pró-Sindicato dos Artistas Plásticos do Estado da Paraíba./O IV SAMAP — Salão Municipal de Artes Plásticas, promovido pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, será realizado em novembro. O jornal pessoense "O Momento" vem mantendo, aos domingos, uma excelente coluna sobre Arte, assinada por Eudes Rocha Jr.

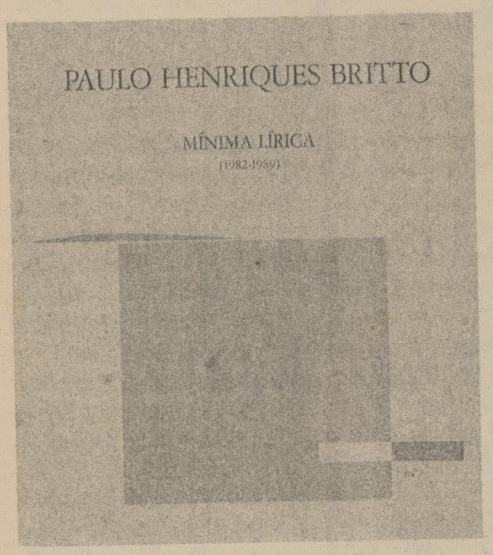
3) Do Rio de Janeiro: Artistas interessados em participar da Enciclopédia das Artes Plásticas e Visuais no Brasil, que está sendo organizada pela Editora Mini Galery, devem enviar dossiês contendo xerox de matérias de jornais e revistas, curriculum e catálogos de exposição ao endereço: A/C Walmir Ayala — Praia do Flamengo, 172. Apt° 3 — CEP 22210 — Rio de janeiro, RJ.

4) De campinas (SP): de 15 de setembro a 02 de outubro, realizou-se em Campinas o II Festival de Arte Naif. (Arte Brasil 89).



Quadro de Marcos Lima

# ONTAOGALOCONTAOGALOCONT




**CLARO ENIGMA:**
**NO BANQUETE VIVO DA POESIA**

Recebemos o livro "Mínima Lírica", onde são reunidos poemas de Paulo Henrique Britto datados de entre 1982 a este ano/89. O livro foi publicado na Coleção Claro Enígma, da Livraria Duas Cidades Ltda., editora de São Paulo. Já foi analisado e comentado nas páginas sob a chancela "Idéias/Livros", do "Jornal do Brasil", no jornal carioca "Verve", e no "Jornal da Tarde" (São Paulo). A coleção Claro Enigma surgiu ao final do ano passado, iniciativa do poeta Augusto Massi, que aproveitou parte de uma herança para produzir livros de poesia, começando com antologias de Sebastião Uchoa Leite ("Obra em Dobraa"), Francisco Alvim e Orides Fontella, além de inéditos de José Paulo Paes, João Moura Jr. ("Páginas Amarelas") e Alcides Villaça. Um dos livros mais recentes publicados pela coleção foi "Poros", de Rubens Rodrigues Torres Filho.

Por sua vez, a editora Nova Fronteira lançou mais um bom livro de poesia, "Outros Sonetos do Caderno", de Tite de Lemos, o canto de cisne do poeta, falecido no mês de junho, o mesmo mês que também tirou a vida de Paulo Leminski. São poetas, seres que não morrem, ficam vivos, nos livros, vasos de sentimento e idéias, banquete vivo da poesia.

**QUADRINHOS**

O pessoal que faz quadrinhos em Natal continua atuando, com resultados dos mais positivos. Datado de agosto, por exemplo, o nº 08 da revista "Igapó" traz uma quadrinização visando contar "Um passeio pela História de Natal", com texto de Assi Sales e desenhos de Aucides Bezerra, Luis Anísio e Luis Elson. Valendo-se da imagem já conhecida de jipes conduzindo turistas em passeios pelas praias natalenses, os quadrinhistas levam o leitor a conhecer praias e outros pontos turísticos da cidade.

Também já foi publicada a "História de Assu", em quadrinhos grupehquianos, roteiro de Aucides Bezerra e desenhos de Aucides Bezerra e Luis Elson. Nesta pesquisa, os quadrinhistas foram fundo, partindo sua visualização desde a época da pré-história assuense (Idade do Gelo—Pleistoceno) e culminando com a narrativa do assalto à agência assuense do BNB, em abril deste ano.

**CORREÇÕES**

No nº de abril, este jornal publicou uma matéria sobre a escritora canadense Claire Varin, estudiosa da obra da escritora brasileira Clarice Lispector. Houve alguns equívocos, que a própria Claire nos apontou em correspondência, e que estamos aqui corrigindo. Erramos, ao afirmar que a leitura analítica e crítica da obra de Clarice tem sido feita no Brasil por escritores do sexo masculino. Claire nos lembrou Olga de Sá, que publicou pela Vozes "A Escritura de Clarice Lispector". No artigo, afirmamos que o livro de Claire ("Clarice Lispector Reencontres Bresiliennes") foi o resultado de sua tese de Doutorado pela Universidade de Montreal. Claire corrige: que o livro sobre Clarice não é esta sua tese de Doutorado, que, pelo contrário, só foi publicada agora em outubro, com o título "Línguas de Fogo". Citamos também uma frase de Clarice: "Eu quero morrer, me integrar em Júpiter que é o meu planeta". A frase certa seria: "Eu queria, ao morrer, me integrar em Júpiter que é o meu planeta". Também afirmamos que quando Clarice publicou seu primeiro livro, "Perto do Coração Selvagem", contava então "17 anos e não 22, como geralmente é dito em notas biográficas ligeiras", a idade ai foi invertida. Realmente — segundo Claire Varin —, quando Clarice publicou este seu primeiro livro estava com 22 e não com 17 anos.

Pedimos desculpas a Claire Varin pelas incorreções. São coisas que acontecem quando se faz entrevistas sem gravador, e se redige a entrevista na pressa de entregar logo na redação.

| | | | |
|---|---|---|---|
| 16 | 3 | 2 | 13 |
| 5 | 10 | 11 | 8 |
| 9 | 6 | 7 | 12 |
| 4 | 15 | 14 | 1 |

# 34 *Letras*

**34 LETRAS — SEU 1º ANIVERSÁRIO**

Reunidos numa única edição, a de setembro, os nºs 5/6 da revista carioca de literatura "34 Letras", publicada pela 34 Literatura S/C Ltda., em colaboração com a Ed. Nova Fronteira S.A. Edição de capa luxuosa, espelhante, resultado da Lei 7505/86 (Lei Sarney), com ajuda da Metal Leve, de outras empresas e do Ministério do Exterior Francês (Ministère des Affaires Étrangères de France) — todos dando o devido apoio cultural a este veículo de idéias e criatividade cultural. "34 Letras" nº 5/6 (número comemorativo do 1º aniversário), impresso em bom papel (Classic, produção de uma das empresas que apoiam a iniciativa: Companhia Suzano de Papel e Celulose) nas cores branca, cinza (páginas nesta cor indicadas sob o título "Fraude"), vermelha e castanha — oferece ao leitor ensaios, entrevistas, traduções (de poemas, conto, ensaios) e cartas trocadas entre os ensaístas alemães Erich Auerbach e Walter benjamim.

Relevado o erro de impressão que leva à repetição da frase final da p. 10 no começo da p. 11 — resta-nos gostar e aprender com esta equipe vinda do curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e que ousa fazer — nestes tempos de telenovela e videocassete — uma revista cultural de conteúdo rico e de excelente padrão gráfico. Uma revista democrática, aberta, por exemplo, a opiniões como a do escritor Marcio Souza que nesta entrevista do nº de setembro critica de leve uma postura: "E o que tem ocorrido é que a parte de resenha, de recepção do livro na imprensa, passou a ser assumida por pessoas como vocês, saindo da faculdade, que estão querendo realmente não é fazer resenha, não é fazer crítica, mas, sim fazer carreira no jornalismo". Que seja assim, Marcio! mas é de destacar a importância da descoberta observada pela resenha de Michel Lowy (em tradução de Sérgio Flaksman) sobre um livro da pesquisadora húngara Judith Marcus, onde se registra o vacilo ideológico do teórico marxista George Lukacs, identificando-se com um personagem de Thomas Mann, personagem que o próprio Luckacs já definira como "o propagador de um sistema de tendência católica, prefigurador do fascismo".

## ATRÁS DOS OLHOS DAS MENINAS SÉRIAS

**Mas poderei dizer-vos que elas ousam? Ou vão,
por injunções muito mais sérias, lustrar
pecados que jamais repousam?**

ANA C.

Layout de Afonso Martins